

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**JULIANA LAMAS SOUZA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: AS PERCEPÇÕES DE  
ESTUDANTES E PROFESSORAS/ES ATRAVÉS DE OFICINAS**

**Florianópolis**

**2016**

**JULIANA LAMAS SOUZA**

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: AS PERCEPÇÕES DE  
ESTUDANTES E PROFESSORAS/ES ATRAVÉS DE OFICINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora Profa. Marlene de Fáveri

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lamas Souza, Juliana Gênero e sexualidade no espaço escolar : As percepções de estudantes e professoras/es através de oficinas / Juliana Lamas Souza ; orientadora, Marlene de Fáveri Florianópolis, SC, 2016.  
60 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Educação. 3. Gênero . 4. Sexualidade. 5. Oficinas. I. de Fáveri, Marlene. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.  
III. Título.

JULIANA LAMAS SOUZA

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORAS/ES ATRAVÉS DE OFICINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

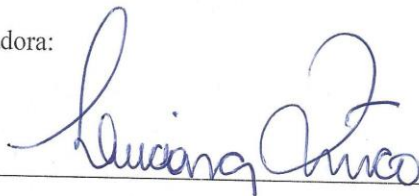
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Luciana Patrícia Zucco



Marlene de Fáveri



Cristine Sodré Fortes

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todo o aprendizado recebido durante este curso de especialização; ao constante apoio e companheirismo de todas as colegas, professoras/es e tutoras; principalmente a tutora Samira Viganó, sempre presente e dedicada.

Agradeço as/os estudantes, professoras e professores que participaram das oficinas, proporcionando sempre excelentes trocas e o resultado desta pesquisa.

Agradeço ao apoio de minha orientadora Profa Marlene de Fáveri, pelo suporte e orientação durante todo o processo.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

## RESUMO

**Resumo:** Esta pesquisa teve como foco levar ao espaço escolar as temáticas de gênero e sexualidade para professoras, professores e para uma turma de 1º ano do Ensino Médio, de um colégio particular do município de Florianópolis. Essas temáticas foram trabalhadas através de oficinas, aulas expositivas, debates, vídeos, etc. Além de promover a discussão das temáticas de sexualidade, manifestações da sexualidade e representações de gênero, levou a compreensão da equidade de gênero. Dentre as temáticas trabalhadas em sala de aula está diferenciação entre sexo e sexualidade, mudanças no corpo durante a puberdade, relação sexual, gravidez na adolescência, aborto, DSTs, métodos contraceptivos, conceito de gênero, construção de papéis sociais, violência de gênero, orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e empoderamento feminino. Foi realizada pesquisa qualitativa, os dados foram coletados através de observação participante e registrados através de diário de campo. Houve cuidados éticos como prevê a Resolução 466/2012, não nomeando nenhuma das professoras, professores e estudantes como exemplos e respeitando a confiabilidade. Entendeu-se que abordando essas temáticas de maneira consciente e crítica no espaço escolar foi possível levar ao empoderamento de nossas alunas e professoras, assim como o respeito pelos alunos e professores e o entendimento que todos possuem os mesmos direitos e deveres.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Diversidade. Empoderamento.

## ABSTRACT

**Abstract:** This research had as focus to take to the school space, the themes of gender and sexuality for teachers and for a class of 1st year of high school, of a private school in the city of Florianopolis. These themes were worked through workshops, lectures, debates, videos, etc. Besides to promoting the discussion of the topics of sexuality, manifestations of sexuality and gender representations, it led to the understanding of gender equity. Among the subjects studied in the classroom are the differences between sex and sexuality, changes in the body during puberty, sexual intercourse, teenage pregnancy, abortion, STDs, contraceptive methods, gender concept, social role construction, gender violence, sexual orientation, gender identity, gender expression, biological sex, and female empowerment. A qualitative research was performed, data were collected through participant observation and recorded through field diary. There was ethical care as provided in Resolution 466/2012, not naming any of the teachers and students as examples and respecting the reliability. It was understood that addressing these issues in a conscious and critical way in the school space was possible to lead to the empowerment of our students, as well as the respect for students and teachers and the understanding that all have the same rights and the same duties.

**Keywords:** Gender, sexuality, diversity, empowerment.

---

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	12
3	OFICINAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE .....	15
3.1	OFICINA COM PROFESSORAS E PROFESSORES.....	15
3.2	OFICINAS COM ESTUDANTES – SEXUALIDADE.....	24
3.3	OFICINAS COM ESTUDANTES – GÊNERO.....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
	REFERÊNCIAS .....	47
	APÊNDICE A – Vantagens e desvantagens de ser mulher conforme as professoras .....	50
	APÊNDICE B – Vantagens e desvantagens de ser homem segundo os professores .....	52
	APÊNDICE C – Pesquisa sobre aborto com estudantes do 1º ano do Ensino Médio.....	55
	APÊNDICE D – Oficina prática – Aprendendo a colocar preservativo masculino .....	56
	APÊNDICE E – Vantagens e desvantagens de ser mulher conforme as alunas .....	57
	APÊNDICE F – Vantagens e desvantagens de ser homem conforme os alunos .....	58
	ANEXO A – Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade.....	59
	ANEXO B – Música <i>Nóis só joga sem chuteira</i> .....	60



## 1 INTRODUÇÃO

Sexualidade e gênero são temas que precisam ser debatidos na escola, para que nossas/os<sup>1</sup> estudantes se tornem adultos conscientes de sua sexualidade, assim como esclarecidas/os sobre o tema. Quando a temática da sexualidade é trazida ao contexto escolar é muito comum fazer a relação direta ao ato sexual e esse momento é sempre repleto de piadas e constrangimentos. Por isso é fundamental abordar a temática de maneira natural e de forma que esteja incluída no contexto, por que mesmo quando não queremos educar sexualmente nossas/os estudantes, ainda assim estaremos educando.

Muitas vezes a educação sexual de nossas crianças acaba sendo jogada de um lado para o outro. A família acredita que deve ser trabalhada na escola e algumas escolas acreditam que é papel da família. A maioria dos pais/mães (ou quem for responsável pela educação da criança) não recebeu educação sexual, então não sabe como abordar a temática. Nossas professoras e professores também não sabem como abordar a temática, pois ela não está contemplada na maioria dos cursos de licenciatura.

A sexualidade já nasce com o sujeito e não pode ser deixada de lado, precisa ser contextualizada sempre que necessário, e desde a educação infantil, de maneira que não seja abordada apenas de forma biologista, mas com todas as suas especificidades.

A diferenciação de gênero está presente desde o momento em que se descobre o sexo do bebê e se escolhe enxoval rosa para menina e azul para menino. A diferenciação de gênero segue nos comportamentos esperados, nos brinquedos, nas brincadeiras em todas as relações que vão se estabelecendo.

Na escola as diferenciações pelo gênero se fazem muito presentes. É comum escutarmos de professoras e professores que os meninos são mais agitados, bagunceiros e desorganizados, enquanto as meninas são mais comportadas, organizadas e caprichosas. E tudo que foge a esse padrão socialmente construído é considerado uma anomalia.

A escolha da profissão e dos papéis que serão desempenhados na sociedade por estes estudantes acaba recebendo forte influência da divisão de gênero, visto que persiste uma educação de prescrições e muitas vezes sexista. É por isso que nossas/os estudantes precisam compreender que ambos têm iguais direitos e deveres, e podem ocupar qualquer lugar na sociedade. A escola é o espaço apropriado para provocar debates, reflexões e o entendimento

---

<sup>1</sup> Tendo como base uma política feminista e de empoderamento a linguagem desta pesquisa irá sempre retirar o artigo quando possível e/ou privilegiar o feminino, seguido pelo masculino.

da importância de viver a sexualidade de maneira adequada e plena, assim como relacionar-se sem paradigmas, estereótipos e preconceitos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral promover, no espaço escolar com professoras/es e estudantes do 1º ano do ensino médio, a discussão de temas como sexualidade, suas manifestações e as representações de gênero em todos os espaços de socialização, levando a reflexão crítica dos mesmos. Compreender a equidade de gênero e igualdade de direitos para homens e mulheres, procurando proporcionar assim o empoderamento das alunas e professoras através do seu posicionamento crítico e consciente enquanto sujeito social, bem como a reflexão para os alunos e professores da vivência da equidade e respeito.

Partiu-se da hipótese de que quando a educação sexual está presente no espaço escolar, é possível que os/as estudantes tenham atitudes e ações mais conscientes sobre a sua sexualidade, esclarecidas/os e aptas/os a tomarem melhores decisões em todos os aspectos de sua vida. A percepção da equidade de gênero educa jovens mais conscientes sobre seu papel na sociedade, assim como o respeito a individualidade e importância de cada pessoa, entendendo que mulheres e homens possuem os mesmos direitos e deveres, direitos iguais a cidadania e ao espaço público; motivo pelo qual a temática precisa estar inserida no espaço escolar.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi a pesquisa qualitativa, que diferente da pesquisa quantitativa não possui o intuito de medir as informações e categorias, nem a busca de dados estatísticos; pois é estabelecida uma relação direta com o objeto de estudo.

Segundo Brasil (2012, p. 22), “na abordagem qualitativa de investigação há a elucidação de pressupostos para se fazer uma investigação acerca do conhecimento dos sujeitos em seu cotidiano, propiciando que esses conhecimentos sejam reelaborados”.

É fundamental citar que a pesquisa qualitativa não é simplesmente a oposição a pesquisa quantitativa, embora tenha sido utilizada por muito tempo como uma alternativa a pesquisa quantitativa.

Segundo Flick (2009, p. 16):

A pesquisa qualitativa é a pesquisa não quantitativa ou não padronizada, ou algo assim, e sim dispõe de várias características próprias. Sendo assim, a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social da realidade em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo a questão em estudo.

A pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório e o intuito de levar a reflexão crítica da temática em questão.

A escolha desse tipo de estudo se deu principalmente pelas características acima citadas, pois pretendia-se inserir algumas temáticas para professoras/es e estudantes através de oficinas, palestras, vídeos, com o intuito de que as informações e conceitos que possuem sobre as temáticas possam ser reelaboradas através da contextualização crítica das mesmas.

O estudo foi realizado em um colégio particular, localizado no município de Florianópolis. O colégio está em atividade há 40 anos, no entanto o Ensino Médio foi implantado no ano de 2010. A comunidade atendida pelo colégio é dos bairros da Trindade, Saco dos Limões, Carvoeira e Córrego Grande, entre outros. As aulas do Ensino Médio acontecem no período matutino, com início às 7h35min e término às 12h00.

Neste colégio, o currículo escolar para o 1º ano do ensino Médio prevê as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira (Inglês), História, Geografia, Biologia, Química, Física, Literatura, Educação Física, Filosofia, Arte e Sociologia. O material didático utilizado é da Editora Positivo, contendo quatro apostilas que são divididas entre os quatro bimestres.

É possível identificar dentro dos princípios educativos da instituição a preocupação com temáticas que envolvem de maneira tão singular o desenvolvimento de estudantes como gênero e sexualidade, embora não estejam especificados de maneira direta, os princípios educativos englobam:

Respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, etc.; Direito das crianças em brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; Acesso das crianças aos bens socioculturais, disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, aos afetos, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética; Socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais; Aprendizagem desenvolvida a partir da problematização da realidade e busca de soluções, produzindo conhecimento cada vez mais significativo. (PPP)

Compreendemos a necessidade do trabalho das temáticas de gênero e sexualidade tanto com estudantes como com professoras/es para que esses princípios educativos possam estar contemplados.

O estudo foi realizado em um primeiro momento com professoras/es da instituição durante semana de reunião pedagógica, atingindo professoras/es da educação infantil, ensino fundamental e médio. Estudantes que compõem a pesquisa são de uma turma do 1º ano do

Ensino Médio com total de 15 estudantes, composta por 5 alunas e 10 alunos, sendo que todos estudantes têm idade entre 14 e 17 anos.

A coleta dos dados ocorreu através de observação participante, pois as temáticas foram trabalhadas através de oficinas, houve acompanhamento em como as temáticas foram aceitas e trabalhadas pelas/os professoras/es e estudantes.

Conforme Brasil (2012, p.28) a observação participante é:

Caracterizada pela inter-relação entre pesquisador e participante nas situações a serem pesquisadas. A comunidade envolvida participa da análise da sua realidade em benefício próprio, visando mudança social, minimizando as relações entre quem detêm o poder e quem é explorado.

Após a realização de cada oficina com as/os estudantes foi utilizado o auxílio de um diário de campo para anotações, aonde foram descritas as impressões reais do que ocorreu, assim como reflexões. Para a análise e sistematização dos dados foi necessário fazer uma relação direta com a teoria em questão, mesmo entendendo que a pesquisa qualitativa leva em consideração a subjetividade. Já com as professoras e os professores a temática foi inserida em apenas um encontro, com uma maior duração e posterior acompanhamento através de questionários.

A pesquisa que foi realizada em forma de oficinas buscou a apropriação dos conteúdos abordados pelas/os estudantes e pelas/os professoras/es, que em nenhum momento foram utilizados como exemplos durante as oficinas. Esta pesquisa também se baseia na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil, sendo preservados os nomes dos sujeitos participantes. Conforme esta Resolução, estudantes e professoras/es foram informados que essas oficinas faziam parte da etapa final do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina. Todas as intervenções tiveram como base a confidencialidade, a privacidade, assim como “respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes”. (BRASIL, 2013).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É fundamental iniciarmos o trabalho dessa temática com algumas definições. Buscando a diferenciação entre sexo e sexualidade, entendemos que, enquanto o sexo é a marca biológica que vai diferenciar o homem da mulher, o macho e a fêmea, a sexualidade é marca cultural. Ela está relacionada com a dimensão humana, ou seja, as relações, aos valores, a cultura.

Segundo Guimarães (1995, p.23) “**Sexo** é relativo ao fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre o homem e a mulher. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo”. A autora segue definindo **Sexualidade**: “É um substantivo abstrato que se refere ao ser sexual. Comumente é entendido como vida, amor, relacionamento, sensualidade, erotismo, prazer” (GUIMARÃES, 1995, p.23).

Complementando o conceito, Louro (1997, p.21) afirma: “A sexualidade envolve não somente os órgãos genitais, mas todas as zonas erógenas do corpo, assim como vontades, desejos, fantasias associadas a sexo”.

Ao ler os conceitos citados e identificar situações em que os conceitos se confundem, fica-nos mais fácil compreender que sexo é marca biológica, que ele é comum a todos os seres vivos, sejam eles racionais ou irracionais. Já a sexualidade está relacionada a cultura; são os discursos que cada povo constrói acerca da vivência do sexo; são os valores morais, religiosos, eróticos, estéticos, que variam de acordo com cada momento histórico. E se entendemos que a sexualidade é uma construção sócio-histórico-cultural, entendemos também que cada um, de nós é responsável por esta construção.

A sexualidade faz parte da constituição de todos os sujeitos, já nasce com elas e eles, não é formada ao longo dos anos e muito menos manifestada em determinada época ou idade. Abordando sexo e sexualidade de maneira natural podemos transformar nossas/os estudantes em adultos muito mais esclarecidas/os e confiantes em todos os aspectos. E aí a importância de trabalhar gênero na escola se torna ainda mais necessária.

É fundamental citar a contribuição de Joan Scott para a definição da categoria gênero. A autora considera que a utilização mais recente de gênero começou a surgir no discurso das feministas americanas, que acreditavam que não se deveria estudar apenas o “sexo oprimido”. Continua relatando as abordagens utilizadas pelas historiadoras feministas e destaca que gênero começou a ser utilizado como sinônimo de mulheres, ou seja, o termo mulheres foi

substituído por gênero. No entanto, Scott (1995, p. 7) diz que “gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres”.

As contribuições do feminismo foram fundamentais para a quebra dos modelos de subordinação da mulher, conforme nos aponta Furlani (2011, p. 58), “demonstrou as desigualdades sociais entre homens e mulheres no acesso ao direito a educação, ao voto, ao patrimônio familiar, à justiça, ao trabalho, a bens materiais, etc”. Assim como as contribuições foram responsáveis por críticas relevantes ao modelo de dominação existente, ou seja, ” questionou as representações acerca do ‘ser mulher’ e do ser ‘feminino; estudou o patriarcado, o machismo e a heteronormatividade e vem demonstrando o caráter de construção social e cultural dessas representações numa sociedade misógina e sexista. ”

Conforme Pedro e Soihet (2007, p. 287), “ mulheres negras, índias, mestiças pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma diferença – dentro da diferença”, para isso a categoria “mulher” não se fazia suficiente para que se sentissem incluídas.

Gênero já havia sido utilizado na oposição entre masculino e feminino, mas Scott diz que apenas no século XX passa a ser utilizado como categoria de análise, ou seja, como uma forma de se expressar sistemas de relações sociais. Para Scott (1995, p. 14) o conceito de gênero divide-se em duas proposições, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder”.

Grossi (1998) concorda com Scott, quando ela diz que gênero é determinado historicamente e que além de ser construído, através da diferença dos sexos, ele dá sentido a diferença, e pode ser conceituado como:

Gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. (GROSSI, 1998, p. 6)

Outra autora que trabalha o conceito de gênero é Louro (1998), que acredita que está diretamente relacionado a história do movimento feminista contemporâneo. Segundo a autora, no final nos anos 60 o feminismo vai em busca de construções teóricas, surgindo o gênero no debate entre estudiosos e críticos. A autora concorda com Scott de que a categoria gênero seja historicamente determinada. Por isso afirma que:

Ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as

representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas – com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de desconstrução – estão construindo gênero. (LOURO, 1998, p. 35)

Utilizando também Scott como base para seus estudos de gênero, Soihet (1997) acredita que gênero tem como principal utilidade teorizar sobre a diferença sexual, fazendo uma relação entre homem e mulher. Que o termo foi proposto por historiadoras que consideravam que o estudo sobre as mulheres iria transformar-se em uma “nova história”.

Todas as definições acerca do termo gênero deve-se grande mérito aos movimentos sociais de mulheres e feministas, que foram fundamentais nas lutas pela equidade de direitos. Furlani (2011, p. 61) segue mostrando sobre a importância dos movimentos sociais não somente no que se refere as desigualdades, “mas para marcarem a contestação e a resistência aos modelos excludentes, singulares e autoritários”, fazendo com que dessa forma se torne possível uma representação de si mesmo.

Gênero pode então ser definido como diferenças de sexo que são herdadas biologicamente, no entanto, a diferença entre homem e mulher é culturalmente construída.

É fundamental também compreender de que forma reproduzimos papéis sociais impostos socialmente; e, através dessa compreensão repensar de que forma mudanças podem ser realizadas, como minimizar as prescrições de gênero que são culturais e carregam relações de poder. Se estudantes tiverem conhecimento da importância de seus poderes, perceberem-se como sujeitos de sua história, terem consciência de seus direitos, suas escolhas, que não podem ser violentadas por não seguirem padrões normativos, por certo buscarão uma sociedade mais igualitária, cientes de seus direitos e deveres.

Nesta perspectiva trazemos à tona o conceito de empoderamento, pois “numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão”. (MEIRELLES e HOROCHOVSKI, 2007, p. 486). Ou seja, o empoderamento é fundamental para qualquer trabalho de gênero e sexualidade, que precisa ser visibilizado e colocado em pauta.

### **3 OFICINAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Para que a temática de gênero e sexualidade fosse inserida para estudantes do 1º ano do Ensino Médio foram realizadas oficinas para trabalhar cada uma das temáticas selecionadas, assim como os interesses observados nas/os estudantes. Todavia, antes de iniciar estas oficinas esta temática foi inserida para as professoras e professores, entendendo que assim que a temática estiver sendo debatida pelas/os estudantes é fundamental que professoras/es também estejam abertas/os para o diálogo caso ela surja em outros momentos.

#### **3.1 OFICINA COM PROFESSORAS E PROFESSORES**

A oficina com as professoras e professores ocorreu de maneira muito satisfatória, embora tenha sido um encontro de 3 horas e 30 minutos, ele ocorreu de maneira leve, em nenhum momento demonstraram cansaço e nem desinteresse. O fato de ilustrar a temática com vídeos engraçados ajudou muito na descontração, tornando-se o momento agradável e pronto para a discussão séria quando se fazia necessário.

A oficina contou com 21 presentes – 12 homens e 9 mulheres - foi realizada dia 13 de julho de 2016. Foi utilizado o recurso Power Point com apresentação em slides e vídeos, preparados especialmente para esta finalidade.

A conversa iniciou em uma sala de aula da instituição as 8:00 horas com intervalo de 30 minutos, aonde foi oferecido um café as professoras e professores, e com término as 12:00 horas. Foi realizada no período de férias escolares (de inverno), momento em que já havia sido realizado o conselho de classe e reuniões que normalmente ocorrem neste período, as professoras e professores estavam bem à vontade e mostrando muito interesse na temática. Inicialmente, debatemos sobre a dificuldade em se falar sobre sexo e sobre a educação sexual que recebemos, e como está sendo ensinada para nossas/os estudantes, entendendo que somos todas/os educadoras e educadores sexuais, mesmo que as vezes essa função não seja percebida. Quando não respondemos uma pergunta relacionada a sexo e sexualidade, ainda assim estamos educando nossas/os estudantes sexualmente.

Após iniciada a conversa com explicação da oficina e seus objetivos, apresentamos a forma como a educação sexual entra na escola, ou seja, através do volume 10 dos Parâmetros



Curriculares Nacionais, com o tema transversal “Orientação sexual”; bem como foi assinalada a importância da educação sexual numa perspectiva emancipatória. Observamos que o PCN volume 10 está dividido em 3 blocos, a saber: 1. *Corpo – Matriz da sexualidade*; 2. *Relações de gênero*; e 3. *Prevenção as DST’s*.

O bloco *Corpo – Matriz da sexualidade*, pode ser trabalhado nas áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física. O conteúdo a ser trabalhado pode ser: as mudanças no corpo, respeito, reprodução, concepção, gravidez, parto, etc. Já o bloco *Relações de gênero* está diretamente relacionado a equidade entre os sexos e as relações de poder; estes conteúdos podem ser trabalhados nas áreas de História e Educação Física, e tematizam o que é ser menina e ser menino, respeito a diferença e a diversidade de comportamentos, etc. E, o terceiro bloco trata da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, e está diretamente relacionado ao seu título, assim como o conhecimento, a compreensão e o respeito as DSTs, podendo vincular-se nas áreas de Ciências Naturais e Língua Portuguesa.

Na apresentação, foi introduzida a leitura da obra *A educação sexual da criança*, de autoria de Cesar Nunes e Edna Silva (2000, p.17), que mostra a perspectiva emancipatória da educação sexual; o trabalho realizado no dia a dia, sem juízo de valores, na promoção de debates, relação de confiança, dentre outros aspectos, entendendo sexo como a marca biológica e sexualidade como a marca humana/cultural. Para estes autores,

Não se trata de um mero rótulo, mas sim de uma utopia ético-política e de uma intervenção institucional significativa na escola. A emancipação pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora. Trata-se da qualificação ontológica da sexualidade humana e sua construção ético-social. A escola deve ser entendida como instituição social inserida na práxis social como um todo e seu papel deve ser de formação de homens e mulheres omnilaterais, capazes de apropriação plena da condição humana e inserção emancipadora no mundo do trabalho, da cultura e das vivências sexuais realizadoras. Implica reconhecer a pertinência do espaço institucional escolar e os limites e contradições da abordagem da sexualidade como tema curricular na escola. Para isso, torna-se necessário a produção de um ethos inovador que articule as responsabilidades entre escola e família, entendendo-a aqui como unidade social em transformação, de modo a constituir um conjunto de saberes, habilidades e atitudes, referentes a sexualidade humana, voltada para a emancipação e libertação humana em plenitude.

O que o autor e a autora querem nos chamar a atenção é que a educação sexual emancipatória não é apenas um atrativo comercial para a escola, mas um processo verdadeiro que vai influenciar toda a comunidade escolar de forma significativa. Através de toda a

influência que a escola dispõe, ela deve proporcionar que seus estudantes possam se desenvolver de maneira completa, compartilhando essas responsabilidades com a família.

A educação sexual emancipatória teve um grande crescimento no Brasil a partir dos anos de 1990 e teve a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) como a primeira instituição de ensino superior a incorporar esse paradigma na criação do curso de Especialização em Educação Sexual, no ano de 1994, com o auxílio do Prof. Dr. César Aparecido Nunes. Atualmente é possível identificar essa abordagem no curso de Licenciatura em Pedagogia desta instituição. (JIMENA, 2011, p. 32)

Melo e Pocovi (2002, p.38) também trabalham a educação sexual e tentam dar algumas pistas do que seria a construção de um paradigma de educação sexual emancipatória:

Não existem receitas, já que é tudo uma construção pessoal e social, mas certamente podemos dizer que é uma busca da reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal sobre a dimensão humana da sexualidade, sem distinção de qualquer ordem, e essa reconstrução deve começar dentro de cada um, espalhando-se para o coletivo. Não pode ser apenas uma reprodução acrítica do que está posto na sociedade. Devemos buscar o despertar da consciência crítica, possibilitando aos indivíduos escolherem seus caminhos sem amarras, sem medos, e com conhecimento de sua importância nas diversas relações sociais.

As autoras procuram demonstrar que não existe uma fórmula pronta para a implantação da educação sexual emancipatória, senão ela poderia simplesmente ser seguida como receita e desenvolvida sem problemas. Ela precisa antes de tudo partir do interior de cada sujeito para então se mostrar no coletivo. Deve ocorrer de forma natural, sem estigmas e sem nenhum tipo de preconceito.

Para finalizar a compreensão do que seria uma proposta de educação sexual intencional numa perspectiva emancipatória, pode-se dizer que ela pretende propiciar oportunidade para que o sujeito desenvolva a sua sexualidade de forma natural e com responsabilidade, fugindo dos preconceitos e tabus; e propiciando assim uma harmonia entre o sujeito e a sociedade e uma harmonia entre ele mesmo.

Ilustrada as mudanças do corpo com auxílio das pranchas do livro *Papai, mamãe e eu* da autora Marta Suplicy<sup>2</sup>, assim como relatada como as manifestações da sexualidade acontecem a todo momento, independentemente da idade da criança e do local, pois fazem parte da nossa constituição. Salientando a importância da professora e professor estar preparada e preparado para agir nesse momento, e como uma repreensão e intervenção de

---

<sup>2</sup> SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo: FTD, 1990.

forma errada podem influenciar por toda a vida.

A questão premente que surge no diálogo com o grupo é como trabalhar educação sexual com crianças; e foram indicados títulos que podem estar auxiliando no trabalho de Educação Sexual, como: *Coleção Educação Sexual – Perguntas e Respostas*, de Cida Lopes<sup>3</sup>; *Somos iguais mesmo sendo diferentes*, de Marcos Ribeiro<sup>4</sup>; *Até as princesas soltam pum*, Ilan Brenman e Ionit Zilberman<sup>5</sup>; *Pipo e Fifi*, Carolina Arcari<sup>6</sup>.

Duas professoras (fundamental – anos iniciais) se manifestaram dizendo que não sabem como abordar esse tema com as crianças, e uma delas disse que deveria ter uma pessoa na escola para fazer isso sempre que fosse necessário, seja capacitando as/os professoras/os ou trabalhando diretamente com as/os estudantes.

Perguntando por uma professora do fundamental (anos iniciais) o que deveria se fazer quando uma criança fica se masturbando durante a aula. Explicado a diferença entre masturbação e automanipulação, assim como a importância de mudar o foco da criança para outra atividade.

Nunes e Silva (2000), afirmam que manipulação dos órgãos sexuais é uma das descobertas infantis, proporciona uma experiência de prazer não intencional, por isso não pode ser considerada uma masturbação. Os educadores e as educadoras não devem reprimir, mas observar evitando que se machuquem com a introdução de objetos cortantes.

Outra questão lançada foi de como trabalhar educação sexual com adolescentes, e o professor de Ciências diz que consegue trabalhar com naturalidade, mas não recebeu muita informação na universidade; já a professora de Biologia relata que a temática é trabalhada muito de maneira mecânica e que as vezes se sente envergonhada com algumas perguntas, mas nunca deixa de responde-las.

Informada a importância de se abordar sexualidade de maneira espontânea, sem juízo de valores, de forma franca, informando inclusive quando não se sentir à vontade para responder algumas perguntas, e sempre salientando que falar de sexualidade é muito mais amplo que relação sexual.

Em seguida deste debate e apresentação de obras, o grupo assistiu ao vídeo *Educação Sexual*<sup>7</sup> e foi discutido alguns trechos do vídeo. O teor do vídeo mostra o período da infância

---

<sup>3</sup> LOPES, Cida. *Coleção Educação Sexual – Perguntas e Respostas*, BrasilLeitura, 2000.

<sup>4</sup> RIBEIRO, Marcos. *Somos iguais mesmo sendo diferentes*. São Paulo: Moderna, 2012.

<sup>5</sup> BRENMAN, Ilan. *Até as princesas soltam pum*. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

<sup>6</sup> ARCARI, Carolina. *Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância*. 1 Ed., São Paulo: All Print Editora, 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAxcOGTuXCM>.

aonde os meninos e as meninas brigam e fazem o conhecido clube da Luluzinha e clube do Bolinha, para depois começar o interesse para o namoro e a relação mudar. Outros temas abordados no vídeo também foram colocados em discussão como a busca da mulher incessante por um parceiro e o papel da mulher como apaixonada, entregue a relação e o homem insensível. A felicidade da mulher como dependendo exclusivamente de achar um parceiro (o homem perfeito), casar a constituir uma família. A questão do completo desconhecimento dos métodos contraceptivos (camisinha) e do homem insatisfeito em ter que usar o preservativo. A reprodução da heteronormatividade, ou seja, a busca de um relacionamento heterossexual como o certo e esperado. E surge também questões étnicas raciais, quando o homem negro é exposto com um pênis grande, além do normal, fazendo assim com que a mulher se sinta assustada e não permaneça no relacionamento.

Algumas professoras se colocaram contra essa dependência da mulher com relação ao homem e a procura de um parceiro. Uma professora (fundamental – anos iniciais) disse que achava que o homem tinha que ser o provedor do lar, para a mulher se sentir segura. O que gerou muito burburinho e descontentamento de algumas professoras. Ela continuou dizendo que achava importante o homem pagar a conta do restaurante e abrir a porta do carro. Uma professora (ensino médio) disse que isso era um absurdo, que ela mesma podia abrir a porta do carro. Um professor (fundamental – anos finais) disse em tom de brincadeira que também não concordava, pois na sua opinião era que a mulher é que deveria sustentar o homem.

Nessa discussão fica nítido o posicionamento de algumas professoras com relação ao gênero, entendendo o papel da mulher de submissa como correto, enquanto outras não concordam com essa submissão. E os professores se colocando numa posição de conforto, de que para eles estaria tudo bem, pois sairiam na vantagem de qualquer forma.

A categoria gênero foi introduzida aos professores e professoras através de dois conceitos. O primeiro, de autoria de Joan Scott, mostra que “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 14). E, outro conceito vem de Mirian Pillar Grossi, que assim se refere:

Gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. (GROSSI, 1998, p. 6)

Através destes conceitos de gênero, o debate foi sobre as discussões recentes acerca de uma suposta ‘Ideologia de Gênero’, que foi elaborada recentemente por alguns discursos

religiosos, não compreendendo o verdadeiro conceito de gênero, resultado de anos de estudo e é composta de interpretação e conclusões confusas. Apresentada a apostila desenvolvida por Jimena Furlani, “O que é ideologia de gênero”<sup>8</sup>, para maiores esclarecimentos.

Conforme nos expõe Jimena (2016) essa visão confusa serviu para deixar as pessoas preocupadas no que se refere a incorporação de gênero nos Planos Municipais de Educação, pois essa interpretação desconexa acaba sendo entendida como algo nocivo a sociedade. Essa ideologia vem dizer que gênero é uma construção pessoal, que cada um teria que inventar sua identidade, e sabemos que na verdade gênero é uma construção social e cultural.

Após esta discussão, foi assistido o vídeo *Como uma garota – Like a girl*<sup>9</sup>, e com isto advieram outros questionamentos, como: As diferenças entre homens e mulheres são naturais ou historicamente construídas? As mulheres são biologicamente mais frágeis e sensíveis? Os homens são biologicamente mais fortes e corajosos? Qual a origem das diferenças entre homens e mulheres?

Conversado sobre a forma em que mulher é estereotipada no vídeo e como muitas pessoas acabam acreditando nesse estereótipo, mesmo sendo algo muito longe da realidade. Salientando que a visão das crianças é muito mais próxima do real, talvez ainda não tão contaminadas com a sociedade patriarcal em que estamos inseridas/os.

Houve uma discussão entre professoras/os para identificar se as diferenças biológicas entre homens e mulheres seriam determinantes em todos os aspectos da sociedade, alguns se posicionaram a favor e outras/os contra.

Assistido o vídeo *Mulheres Cientistas*<sup>10</sup> e *Barreiras à ascensão profissional*<sup>11</sup>, foram discutidos assuntos sobre as condições para as mulheres na atualidade, sendo que grande parte das professoras acredita nessa seleção por gênero ainda, que os homens realmente têm mais condições e as mulheres acabam sofrendo uma grande segregação.

Segundo Grossi (1995 p. 16), “nas sociedades tradicionais, o gênero é marcado por tarefas exclusivas de homens e mulheres. Assim, no mundo industrial, os homens estavam ligados à esfera da produção enquanto as mulheres à esfera da reprodução”. E o fato da mulher ser ligada a esfera doméstica, ocasiona com que tenha menores condições no mercado de trabalho, já que este espaço era desconhecido dela.

---

<sup>8</sup> FURLANI, Jimena. “Ideologia de Gênero”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/jimena.furlani?fref=ts>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aM-ZRggWTjw>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/videos/>

Outros vídeos apresentados foram *A juíza – Porta dos Fundos*<sup>12</sup> e o vídeo *Discurso – Porta dos Fundos*<sup>13</sup>. Sobre estes vídeos, apareceram questões como: As mulheres têm as mesmas condições intelectuais que os homens? Existem profissões ditas masculinas e profissões ditas femininas? O que faz com que existam diferentes papéis sociais para homens e mulheres?

Conversado sobre o papel muitas vezes predominantemente feminino dentro da escola, principalmente com educação infantil e anos iniciais, reforçando o papel do cuidado feminino. Relatado também o preconceito que professores do fundamental – anos iniciais sofrem por trabalharem com crianças pequenas. Um dos professores citou o exemplo de um amigo seu que é professor da educação infantil, concursado na Prefeitura Municipal de Florianópolis e passa constantemente por constrangimentos por ser homem e homossexual, como se houvesse ligação direta com a pedofilia.

Nesse momento um professor (fundamental – anos finais) quis entrar em uma discussão política, principalmente pelo vídeo do discurso da presidenta, mas foi cortado por uma professora (ensino médio) e a discussão política se encerrou.

Assistido o vídeo *Opção Sexual – Põe na Roda*<sup>14</sup> e o vídeo *É drag ou é trans?*<sup>15</sup> Apresentado o biscoito do gênero<sup>16</sup> (ANEXO A) e explanado sobre identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Momento em que as professoras e professores relataram sentirem-se confusas/os devido ao grande número de possibilidades. A explicação foi realizada mais de uma vez para que fosse possível haver entendimento.

Nesse momento surgiu um comentário de um professor dos anos iniciais sobre um aluno que cursa o 3º ano do ensino fundamental e sobre a sua postura, já que ele apresenta traços femininos. Outras/os professoras/es também se manifestaram comentando que a postura do aluno era desnecessária e que ele obviamente seria homossexual. Um professor disse que o fato da mãe do aluno ter traços masculinos poderia ter relação direta com o seu comportamento.

Todas as falas a respeito desse aluno foram carregadas de preconceito e sempre em tom de brincadeira, como se fosse muito engraçado o fato do aluno não se adequar ao padrão em que é imposto nos ambientes de socialização, embora em alguns momentos as/os

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/videos/>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHcQOY-Rews>

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tXeqYKdTjwU>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvwXq1cUHAM>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-rjhiwffVwI>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://tomandolugar.wordpress.com/2014/10/28/glossario-conceitos-basicos-sobre-genero-e-sexualidade/>. Acesso em 20 de junho de 2016.

professoras/es se mostrassem complacentes.

Mesmo com a diferenciação dos conceitos de identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual um dos professores (fundamental) continuava afirmando que obviamente o aluno era gay. Em alguns momentos o preconceito se torna tão naturalizado que os professores e as professoras apenas se olham falando sobre o aluno e riem, como se não fosse preciso dizer nada a respeito.

Assistido o vídeo *O que as mulheres estão cansadas de ouvir na rua*<sup>17</sup> e o vídeo *É sua culpa*<sup>18</sup>. Todos os professores e professoras concordaram com o problema do assédio sofrido pelas mulheres. Trouxeram também a discussão da Lei Maria da Penha e um professor (fundamental anos finais) disse em tom de brincadeira que deveria haver a lei Zé da Penha. Foi explicado que a lei se aplica a agressão sofrida por uma mulher, tanto em uma relação heterossexual ou homossexual. Outro professor (fundamental anos finais) disse que a lei se aplica também quando o homem é agredido por uma mulher, embora tenha sido explicado para ele que não se aplica nesse caso, ele continuou insistindo que sim<sup>19</sup>.

Assistido o vídeo *Não tem mulheres no comitê de saúde das mulheres?*<sup>20</sup> E o vídeo *Empoderamento das mulheres*<sup>21</sup>. Houve pouca manifestação por parte das/os professoras/es nesse momento.

Foi sugerida uma lista de filmes para trabalhar gênero e sexualidade no ensino fundamental e ensino médio, salientando a importância de todo trabalho ser contextualizado, porque informação sem explicação e apenas para ilustrar não alcança os objetivos. Os filmes sugeridos foram *Mulan; Valente; Frozen; ABC do amor; Flipped; Ponte para Terabítia; Juno; Antes que o mundo acabe; Cyberbully; Aos 13; Se enlouquecer não se apaixone; 10 coisas que odeio em você; O silêncio de Melinda; Confiar; As melhores coisas do mundo; XXY; Tomboy e Meninos não choram.*

Duas professoras (fundamental – anos iniciais) demonstraram interesse após encerrada a oficina e pediram material emprestado, assim como o link dos vídeos.

Foi solicitado, em forma de oficina, que as professoras dissessem sobre as vantagens e desvantagens de ser mulher na sociedade hoje; e os homens as vantagens e desvantagens de ser homem. (Apêndice A e B)

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Y6gtaYE8es>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sv3-0xEPOCE>

<sup>19</sup> A discussão da lei voltou a ocorrer com esse professor (e outros) de forma mais detalhada após a realização desse encontro.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/videos/>

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6RSc\\_XYezig](https://www.youtube.com/watch?v=6RSc_XYezig)

A maioria das professoras cita a maternidade e a possibilidade de gerar um bebê como uma das vantagens de ser mulher, em contrapartida a menstruação é citada como uma desvantagem. As mulheres se autodenominam mais calmas e pacientes e capazes de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Acreditam ser uma vantagem ser sensíveis e poder falar dos sentimentos sem nenhuma cobrança da sociedade. Entre as desvantagens está muito presente a diferença salarial, a função de cuidar dos serviços domésticos sem colaboração do parceiro e o medo do assédio se fez muito presente. Uma das professoras não conseguiu citar nenhuma vantagem em ser mulher. E nas desvantagens ainda surgiram as cobranças dos padrões de beleza e ao mesmo tempo a censura na forma de se vestir.

De acordo com Grossi (1995, p. 11), “a beleza é um dos elementos centrais da constituição da feminilidade no modelo ocidental moderno, pois é ela que permitirá à mulher se sentir desejada pelo homem”. E continua afirmando que, “apesar da beleza ser vista como um dom natural, os tratados e conselhos dados às mulheres sugerem que ela deve ser preservada através de muito esforço e autocontrole”. Ou seja, é obrigação da mulher qualquer tipo de esforço para seguir os padrões estéticos impostos pela sociedade, para assim se sentir completa.

Chamou atenção o fato de uma professora citar uma das vantagens a capacidade de romper com padrões machistas, já que ela é a responsável pela criação do filho, podendo assim dessa maneira, através da “educação” que ela irá passar ao filho romper com estereótipos machistas. No entanto, ela se coloca como a responsável pela educação do filho, eximindo o pai dessa tarefa.

Não menstruar é uma unanimidade entre as vantagens de ser homem, assim como os homens consideram ter maior força física e maior resistência. Muitos citaram o salário diferenciado, ser levado mais a sério e não ser interrompido constantemente, no entanto citam como desvantagem a cobrança de ser responsável pelo sustento da família.

A relação do trabalho e da força física é explicada por Grossi (1995, p. 17):

Tradicionalmente na sociedade ocidental, a masculinidade se constituía pelo papel que o trabalho tinha na vida dos homens. O trabalho, fosse ele camponês ou industrial, envolvia o corpo masculino, que se distinguia do feminino pela força física. No final do século XX e início do século XXI, este paradigma do valor do trabalho masculino associado à força vem sendo substituído no mundo do trabalho pelo paradigma da competência, que está associado ao conhecimento de tecnologia, particularmente de informática.

---



Entre as vantagens de ser homem está a probabilidade menor de sofrer assédio, sofrerem menos cobranças de padrões sociais e estarem inseridos em uma sociedade machista e patriarcal. E sofrendo também uma pressão da sociedade consideram uma desvantagem não poderem demonstrar sentimentos e serem sensíveis. E Grossi (1995, p.) vem para confirmar essa afirmação feita pelos professores, pois segundo a autora é vetado o direito do choro ao homem, desde menino quando se reproduzir a frase que menino não chora, ou seja, “ fora da situação de morte, um dos raros momentos onde o homem pode chorar é na música. Além da música, a poesia é outro campo de expressão de sentimentos permitido aos homens”.

A fala das professoras e dos professores demonstram de maneira muito rica os padrões sociais e culturais que homens e mulheres estão inseridos, de maneira tão arraigada que em alguns momentos acaba sendo naturalizado.

### **3.2 OFICINAS COM ESTUDANTES – SEXUALIDADE**

As oficinas com as/os estudantes iniciaram-se pela temática da sexualidade, aconteceram entre os meses de agosto e setembro de 2016 durante ao horário de aula dos alunos e alunas, totalizando aproximadamente 6 horas divididas em 6 encontros. As temáticas trabalhadas foram sexo e sexualidade, mudanças no corpo e primeira relação sexual, aborto, direitos sexuais e direitos reprodutivos, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis.

A turma trabalhada foi uma turma de 1º ano do ensino médio, composta por 15 estudantes, sendo 5 alunas e 10 alunos. Mostraram muito interesse em trabalhar a temática, sempre participando, dando opiniões, fazendo perguntas e ouvindo as explicações com atenção.

Para iniciar o trabalho com as/os estudantes foi sugerido uma dinâmica para conhecer mais as/os colegas. Alguns estudantes dessa turma já estudavam juntos, no entanto metade da turma iniciou esse ano no colégio. Foi passado bilhetinhos com números e elas/es tinham que procurar a/o colega com o mesmo número, se juntar e conversar, com o intuito de conhecer um pouco mais seus gostos, etc. Após essa conversa cada um teria que apresentar a/o colega que conversou. As/os estudantes ficaram bem à vontade, e se mostraram muito envergonhadas/os, relataram que não sabiam nada sobre a/o colega, alguns pediram para anotar as informações. As apresentações também foram bem tímidas e com poucas

informações, exceto em uma dupla que era composta por dois estudantes que já tinham “ficado” no começo do ano, e durante a apresentação da menina, além de falar sobre o colega, ela também colocou algumas opiniões pessoais na apresentação.

A oficina iniciou com uma apresentação pessoal, informando as temáticas que seriam trabalhadas e o interesse da pesquisadora na temática. Em nenhum momento as/os estudantes mostraram-se desinteressadas/os e nem foi motivo de risada. Logo foi falado sobre educação sexual, como ela ocorre e como tem sido trabalhada ao longo dos anos, o papel da escola e da família na educação sexual, a diferença entre sexo e sexualidade.

A maioria das/os estudantes informou que não conversam sobre sexualidade com os pais e mães, apenas uma aluna disse que tem liberdade para conversar com a mãe, no entanto, falar com o pai seria inaceitável da parte dele.

Para melhor visualizar a diferença entre sexo e sexualidade foi utilizado a definição dos dois termos por Guimarães (1995)<sup>22</sup>, já apresentado da fundamentação teórica desta pesquisa.

Ao longo da apresentação algumas perguntas foram sendo realizadas e respondidas ao mesmo tempo, levando assim a se ter uma noção dos níveis de interesse da turma.

Foram expostas algumas temáticas que poderiam ser trabalhadas em outros momentos caso fosse interesse da turma, deixando aberto para que sugerissem outras temáticas também. As temáticas sugeridas foram: Relação sexual, primeira relação sexual, masturbação, gravidez na adolescência, aborto, DSTs, métodos contraceptivos.

As/os estudantes receberam alguns papéis para indicar as temáticas de interesse, caso se sentissem constrangidos de falar na frente dos colegas. Alguns papéis foram devolvidos em branco e as temáticas solicitadas foram: Relação sexual, primeira relação sexual, masturbação, gravidez na adolescência, aborto e DSTs.

Trouxe para sala um pênis de borracha (específico para utilização em aula) e uma vulva. Os dois foram passados pelas/os estudantes, para que pudessem observar. Os alunos se mostraram muito resistentes em pegar o pênis e alguns fizeram questão de olhar a vulva e outros apenas passaram rápido para o colega. Já as alunas não demonstraram nenhum tipo de constrangimento.

Nesse momento ficou muito perceptível a postura dos alunos igual a postura que os

---

<sup>22</sup> Segundo Guimarães (1995, p.23) “**Sexo** é relativo ao fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre o homem e a mulher. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo”. A autora segue definindo **Sexualidade**: “É um substantivo abstrato que se refere ao ser sexual. Comumente é entendido como vida, amor, relacionamento, sensualidade, erotismo, prazer” (GUIMARÃES, 1995, p.23).

professores tiveram quando o pênis e a vulva de borracha passaram por eles. Como se o pênis fosse algo sujo, que eles não pudessem tocar ou que isso poderia de alguma forma afetar a sua masculinidade.

Assistido o vídeo: *Educação Sexual*<sup>23</sup> e contextualizado com a turma. Após a exibição do vídeo foi discutido sobre a rivalidade entre meninos e meninas, as brincadeiras serem separadas por gênero, as fases que os relacionamentos entre meninos e meninas passam, as mudanças no corpo, a falta de informação sobre o uso da camisinha, a incessante procura por um par ideal, modelo de casamento heteronormativo, a felicidade feminina dependendo da escolha de um homem ideal, etc.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

O que a professora deve fazer quando a criança fica se masturbando na sala de aula?  
Pílula do dia seguinte só pode ser tomada no máximo 3 vezes? Faz mal à saúde?  
Você é a favor do aborto?  
A camisinha feminina é eficiente?  
O que é DIU?  
Um pênis muito grande pode machucar?  
Qual a diferença entre orgasmo e gozar?  
Sexo anal faz mal à saúde? Se fizer muito pode causar alguma coisa?

*Perguntas realizadas pelos alunos*

Por que as vezes eu acordo com o pênis duro?  
Por que alguns homens têm ejaculação precoce?  
Quantos metros a mulher tem no canal da vagina?  
Por que alguns homens tomam Viagra?

Analisando as perguntas feitas por alunas e alunos, observa-se que as alunas fizeram mais perguntas que os alunos; e que as perguntas delas estão mais relacionadas a curiosidades em torno da relação sexual, do orgasmo, de métodos contraceptivos, revelando que a experiência sexual ou já começou ou deve estar num horizonte próximo; ou mesmo para compreender estas manifestações. Já os alunos, se preocupam com performance, tamanho do pênis, Viagra, ejaculação precoce, denotando preocupação muito individualista da relação sexual e do prazer. Não é possível fazer generalizações, mas a partir desta pequena amostra, notamos como é importante que as meninas tenham consciência e exijam direitos de, por exemplo, serem respeitadas no uso de camisinha, cuidados e etc. A eles, parece que a

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAxcOGTuXCM>.

educação sexual emancipatória custa mais a ser incorporada, resultado de uma cultura de educação de gênero diferenciada, numa sociedade ainda conservadora e com valores de masculinidade arraigados: a elas, cuidar-se e prevenir-se; a eles, o prazer mais individual.

Foi conversado sobre as diferenças no corpo do homem e da mulher e quanto as diferenças ficam mais visíveis ao longo dos anos (infância, adolescência e idade adulta). Elencado as mudanças que ocorrem no corpo durante a puberdade. Foram mostradas algumas imagens (desenhos) do corpo da mulher e do corpo do homem, assim como os órgãos genitais. Para isto foram utilizadas as pranchas do livro *Papai, mamãe e eu*, da autora Marta Suplicy<sup>24</sup>. Com estas informações, foram refletidas questões sobre a primeira relação sexual, as cobranças impostas socialmente, a postura do homem e da mulher com relação ao sexo, as reações físicas do corpo durante a relação sexual, os mitos e tabus e masturbação.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

Existe hímen elástico?  
 Pode se engravidar durante a menstruação?  
 É possível engravidar tomando pílula?  
 Por que o homem tem orgasmo antes da mulher?

*Perguntas realizadas pelos alunos*

É possível colocar duas camisinhas para ficar mais protegido?  
 Pode usar a camisinha masculina e a feminina ao mesmo tempo?  
 Como o menino se masturba antes da primeira ejaculação?

Neste segundo bloco de perguntas percebe-se os alunos já mais preocupados com a prevenção, diferente do primeiro encontro, como se a discussão realizada tivesse levantado algumas questões que em um primeiro momento para eles pareciam não ter tanta importância.

A próxima temática a ser trabalhada foi aborto, e para isso as/os estudantes foram divididas/os em três grupos. Um grupo de três estudantes deveriam se reunir, discutir e apresentar ao júri os motivos que levavam a acreditar que o aborto deva ser legalizado no Brasil, outro grupo de três estudantes deveriam se posicionar contra a legalização do aborto. Os 8 estudantes restantes seriam os juízes e responderam a um pequeno questionário antes da apresentação dos grupos, respondendo se eram a favor ou contra o aborto e quais os motivos. (APÊNDICE C). Cinco alunos responderam a favor da legalização do aborto, um aluno contra e dois alunos informaram que não tinham certeza.

Após um tempo para os grupos conversarem foi realizada uma introdução da temática,

---

<sup>24</sup> SUPPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo: FTD, 1990.

informando de forma breve o que a nossa legislação prevê a respeito do aborto.

O primeiro grupo a realizar a explanação foi o grupo contra a legalização do aborto. Colocaram que se a pessoa teve a maturidade para ter uma relação sexual, ela deveria ter a maturidade para assumir esse filho, informaram que deixariam de lado qualquer questão religiosa; citaram o fato de que se estava sendo gerado um ser humano, que não tem culpa de nada e nem pediu para nascer e essa criança poderia ser encaminhada para adoção após o nascimento, para uma família que poderia dar muito amor a ela.

O segundo grupo falou a favor da legalização do aborto, disse que a gravidez pode ter acontecido por um descuido, mesmo sendo usado preservativo, ele pode ter estourado, o que não se torna culpa do casal, pois foi a ineficácia do preservativo. Colocaram também que embora a relação sexual tenha acontecido entre um casal, muitas vezes quando se descobre a gravidez o homem abandona a mulher e a gravidez passa a ser apenas “problema” dela. Então, nada mais justo de que a decisão seja da mulher sobre o que fazer com seu próprio corpo, pois é nele que se gerará um bebê.

Houve um debate entre os dois grupos, sempre um grupo argumentava o que o outro estava dizendo. O grupo contra o aborto trouxe a questão do número de mortes que acontecem devido aos abortos clandestinos. E o outro grupo usou o mesmo argumento para defender a legalização do aborto, já que se fosse legalizado não haveria tantas mortes. Fato importante como o número de mortes com abortos clandestinos foi tema que demorou a surgir no debate.

O júri assistiu toda a discussão atentamente, em alguns momentos fizeram algumas colocações e no final foram questionados se haviam mudado de ideia após a discussão, e todos informaram que continuavam com a opinião de antes do debate.

A discussão sobre o aborto realizada pelos dois grupos foi muito rica e mesmo tendo opinião contrária, o grupo conseguiu se colocar no lugar que estava e defendeu a sua proposta. Os argumentos que foram colocados e debatidos partiram mais das alunas, enquanto os alunos ficaram mais como ouvintes, interferindo em poucos momentos. Para Felix (2015, p. 62), “os avanços na conquista a garantia do acesso aos Direitos Reprodutivos no Brasil, não tem acontecido sem as interferências do conservadorismo religioso presente em várias esferas do poder, mas principalmente no Congresso Nacional”.

No encontro seguinte trouxe a temática aborto e direitos sexuais e reprodutivos. Realizada a explanação sobre a temática fazendo a ligação com o trabalho realizado sobre aborto no último encontro. Os direitos sexuais respondem por toda forma de manifestação da sexualidade em qualquer espaço, focando sempre nos direitos de cada indivíduo.

Apresentada a Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos, aprovada

durante o XV Congresso Mundial de Sexologia, ocorrido em Hong Kong<sup>25</sup>, e composta por 11 direitos: 1. *Direito à liberdade sexual*; 2. *Direito a autonomia sexual*; 3. *Direito a privacidade sexual*; 4. *Direito a igualdade sexual*; 5. *Direito ao prazer sexual*; 6. *Direito a expressão sexual*; 7. *Direito à livre associação sexual*; 8. *Direito as escolhas reprodutivas livres e responsáveis*; 9. *Direito à informação baseada no conhecimento científico*; 10. *Direito a educação sexual compreensiva*; 11. *Direito à saúde sexual*.

Para Furlani (2011, p.24), “embora tenha sido elaborado no sentido generalizado no que concerne as diversas identidades sexuais, a declaração pode ser vista como um documento político, de reivindicações e conquistas de reconhecimento e respeito”.

Informado que esses direitos possuem o intuito de propiciar uma sexualidade saudável para toda a população, de forma que os direitos sexuais sejam respeitados e defendidos. São excluídas todas as formas de coerção, exploração e abuso, assim como o direito ao controle de seu próprio corpo. Contra todas as formas de discriminação, seja de sexo, gênero ou orientação sexual. E principalmente o direito à informação correta e adequada, e a uma educação sexual que proporcione a emancipação do indivíduo, entendida e aceita desde o nascimento.

Salientado os direitos reprodutivos, que são os direitos das mulheres de regular sua própria sexualidade e capacidade reprodutiva, bem como de exigir que os homens assumam responsabilidades pelas consequências do exercício de sua própria sexualidade. E que eles são compostos de: contracepção, esterilização, aborto, concepção, assistência à saúde.

Para ilustrar em quem pensa nos direitos reprodutivos das mulheres assistimos o vídeo *Não tem mulheres no comitê de saúde das mulheres?*<sup>26</sup> Algumas alunas demonstraram indignação com o vídeo, com a falta de “tato” no que se refere aos direitos das mulheres e os alunos acharam engraçado. Foi então debatido com a turma, sobre quem é responsável pelos direitos sexuais e reprodutivos e como seria possível alguém sem o mínimo conhecimento e respeito ser responsável por algo que na verdade desconhece totalmente ou trata como tabu.

Segundo Furlani (2011, p. 26), “falar em direitos sexuais das mulheres é falar não somente de questões de ordem biológica/reprodutiva, mas também em questões de ordem afetiva/prazerosa (ligadas à representação de ‘liberdade sexual’)”.

Em seguida assistido o vídeo *Meu corpo, minhas regras – Olmo e a gaivota*<sup>27</sup>, reforçando a discussão sobre o direito sobre o próprio corpo. As alunas continuaram

<sup>25</sup> WAS. WORLD ASSOCIATION SEXOLOGY. **Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos**. Hong Kong: WAS, 1999.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/videos/>

concordando sobre a importância de decidir sobre o próprio corpo, os alunos não se manifestaram.

Reforçado que a interrupção voluntária da gravidez, o aborto, é um tema um tanto polêmico, que mistura opiniões pessoais, com crenças religiosas e pouco embasamento teórico sobre o assunto. Muitas vezes falar em aborto é falar de questões morais e pouco se fala sobre os direitos reprodutivos, sobre o direito de decidir pelo próprio corpo da mulher. Também informado que o aborto é legalizado no Brasil quando há risco de morte para a mãe, quando a gestação for resultante de estupro ou feto anencefalo (2012).

Assistido o vídeo *Jean Wyllys e a PL 882/2015*<sup>28</sup>, explicando que não era intenção fazer alusão a nenhum partido político ou trazer nenhuma discussão política, mas informar o que temos atualmente com relação a legislação.

Projeto de Lei 882/2015, autoria do deputado Jean Wyllys do PSOL/RJ estabelece as políticas públicas no âmbito da saúde sexual e dos direitos reprodutivos e dá outras providências. Esta lei propõe a garantia dos direitos da saúde sexual e reprodutiva, legitima as condições da interrupção voluntária da gravidez e determina as obrigações dos poderes públicos. Determina o apoio do poder público a toda a comunidade escolar no trabalho de educação sexual nos espaços educativos, o acesso a métodos de contracepção de emergência, aumento da oferta dos métodos contraceptivos nos sistemas de saúde e eles devem possuir uma equipe apta para realizar a interrupção voluntária da gravidez.

Pensando no direito à vida que o Projeto de Lei 882/2015 vem trazer à tona o direito de toda mulher decidir sobre o seu próprio corpo. De pensar na quantidade de mulheres que morrem por ano devido a abortos clandestinos e entender que a quantidade de abortos não irá necessariamente aumentar caso seja descriminalizado, mas as condições serão reguladas, diminuindo assim os riscos de morte. Neste tópico as/os estudantes ouviram com muita atenção e não fizeram mais nenhuma pergunta a respeito.

Próxima temática a ser trabalhada foram os métodos contraceptivos. Foram apresentados através de slides e com fotos os seguintes métodos contraceptivos: temperatura basal, método de billing ou muco cervical, tabelinha, LAM, camisinha masculina, camisinha feminina, diafragma, espermicida, anticoncepcional oral (pílula), anticoncepcional oral só de progestogenio (minipílula), pílula anticoncepcional vaginal, anticoncepcional injetável, anel contraceptivo vaginal, implante hormonal, adesivo contraceptivo, DIU, ligadura de trompas, vasectomia e pílula anticoncepcional de emergência (pílula do dia seguinte).

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CafzeA-9Qz8>

Enquanto eram apresentados os métodos contraceptivos, um dos meninos disse que era muita coisa, que não imaginava que haviam tantas opções. E foi deixado claro aos estudantes que é sempre necessário procurar um médico para escolher o melhor método a ser utilizado.

Para aprender a utilização do preservativo masculino foi assistido o vídeo *Camisinha masculina*<sup>29</sup>, e para utilização do preservativo feminino foi assistido o vídeo *Camisinha feminina*<sup>30</sup>.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

Pode engravidar menstruada?  
 Quando é o período fértil?  
 Como a mulher faz para tirar o DIU?  
 Como coloca a camisinha feminina?  
 Quais os riscos de se tomar a pílula do dia seguinte?  
 Se tomar a pílula do dia seguintes mais de 3 vezes ela perde o efeito?  
 A mulher que já tomou a pílula do dia seguinte muitas vezes pode ter um aborto espontâneo? Ela terá dificuldades de engravidar depois?

*Perguntas realizadas pelos alunos*

Você vai ensinar a colocar a camisinha?  
 Tem mulher que engorda com anticoncepcional?

As alunas fizeram muitas perguntas pertinentes e que estão relacionadas com a experiência da sexualidade, do próprio corpo e com o uso de contraceptivos, enquanto os alunos apenas duas perguntas, sem relação com a experiência da sexualidade deles. Isto pode mostrar que elas estão mais atentas; procuram respostas que mostram um maior entendimento da temática, e que pode ser explicado até mesmo porque são elas que engravidam. Já com os alunos é possível que não se achem responsáveis no uso de preservativos e que o cuidado deve ser delas; ou que eles possuam realmente menos experiências que elas.

Iniciada a temática de doenças sexualmente transmissíveis, com apresentação de slides, sem a utilização de fotos e com o foco de conhecimento geral das doenças existentes, sem aprofundamento biológico. Foram apresentadas as seguintes DSTs: sífilis – cancro duro,

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PYvhODVc3MQ>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sGjVz-8-IpE>

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=klS2-WHxNOg>



cancro mole, candidíase, herpes, gonorreia, HPV, hepatite B, AIDS, clamídia, granuloma inguinal, pediculose do púbis – chato, vaginose bacteriana e linfogranuloma venéreo.

Também foi assistido o vídeo *Farmácia – Porta dos Fundos*<sup>31</sup> e conversado sobre a importância da proteção tanto para uma gravidez indesejada quanto para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, salientando a facilidade de se adquirir preservativos no posto de saúde, sem nenhum custo.

Um aluno e uma aluna cobraram que fosse ensinado como colocar o preservativo, como foi informado anteriormente que seria. E essa aluna se ofereceu para ir no Posto de Saúde para pegar os preservativos. Ela trouxe os preservativos e levamos o pênis<sup>32</sup> para a sala de aula. Em um primeiro momento todos se mostraram muito tímidos e nenhum se ofereceu para começar, chamei alguns alunos e um que sempre se demonstrou muito tímido disse que iria, o que deixou os outros alunos e alunas surpresas/os. Após esse aluno outros foram sendo chamados e um dos alunos cobrou se as meninas não seriam chamadas. E assim que uma das alunas foi chamada ela veio sem nenhum problema. Teve um dos colegas que “demonstrou” saber como usar o preservativo e ajudou um colega. Embora estivessem sendo auxiliados alguns demonstraram muito pouca habilidade. (APÊNDICE D)

Dois alunos fizeram várias brincadeiras durante a oficina e um deles sempre que era convidado falava “eu só jogo sem chuteira”, fazendo alusão de que fazia sexo sem preservativo. Ele repetiu essa frase umas três vezes e se recusou a participar. Neste momento, ocorreu uma fala rápida sobre a importância do preservativo, dos métodos contraceptivos, os riscos de uma gravidez indesejada e das DSTs.

Após encerrada a oficina em conversa com um dos alunos ele foi questionado sobre a frase que seu colega usou durante vários momentos, “eu só jogo sem chuteira”, ele riu e explicou que é a letra de uma música, que seu colega fala constantemente, música do MC TH, *Nóis só joga sem chuteira*<sup>33</sup>. (ANEXO B). O que nos leva a refletir o quanto nossas/os jovens são influenciadas/os pela mídia e o quanto reproduzem informações que nem sempre levam uma mensagem adequada. A música em questão falando na linguagem de nossas/os jovens diz o quanto é ruim ter relação sexual com uso de preservativo, cita como “comer bala com plásticos” e “usar roupa com preço e etiqueta”, e ainda segue dizendo que usar preservativo é frescura (usa o termo cutcharra). Ou seja, leva uma mensagem totalmente equivocada, e

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiUK8oyKY70>

<sup>32</sup> Adquirido na Semina Educativa. Disponível em: <http://www.seminaeducativa.com.br/>

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.bandas.mus.br/2016/09/nois-so-joga-sem-chuteira-mc-th-letra.html> Acesso em 11 de outubro de 2016.

influenciando de forma muito negativa as/os jovens que escutam esse tipo de música.

Entre as oficinas que trabalharam especificamente sexualidade, mesmo entendendo que sexualidade e gênero precisam (e são) trabalhadas em conjunto foi possível identificar muita participação das alunas e dos alunos (as vezes mais das alunas), alguns momentos se mostram constrangidas/os e em outros momentos se mostraram muito à vontade.

### 3.3 OFICINAS COM ESTUDANTES – GÊNERO

As oficinas de gênero, aconteceram entre os meses de outubro e novembro de 2016 durante ao horário das aulas, totalizando aproximadamente 5 horas divididas em 5 encontros. As temáticas trabalhadas foram gênero, construção de papéis sociais e de gênero, orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero e sexo biológico, violência de gênero e empoderamento feminino. Ocorreram com a mesma turma de estudantes do 1º ano do Ensino Médio, composta por 15 estudantes, sendo 5 alunas e 10 alunos.

A temática de gênero é inserida aos estudantes através do conceito desenvolvido por Miriam Grossi<sup>34</sup>. Assistido o vídeo *Questão de Gênero nas escolas*<sup>35</sup> do Canal Para tudo – Lorelay Fox, e debatido o entendimento do conceito.

Fazendo uma contraposição, para assim melhorar a explicação do conceito de gênero, é apresentada aos estudantes a “Ideologia de Gênero”, devido ao fato de ter sido abordada por grande parte da mídia, de maneira equivocada.

Antes de iniciar a temática da construção de papéis de gênero foi solicitado as alunas que escrevessem as vantagens de ser mulher e aos alunos as vantagens de ser homem. (APÊNDICE D e F). As meninas tiveram muita dificuldade em escrever as vantagens de ser mulher e duas (de cinco) não encontraram nenhuma vantagem em ser mulher.

A menstruação é citada por todas como uma desvantagem, assim como os sintomas da menstruação. Citaram também a desigualdade social (que nesse caso seria a de gênero) e o assédio. Sendo que o assédio é uma das coisas que as meninas relataram acharem mais

---

<sup>34</sup> “Gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado.” (GROSSI, 1998, p. 6)

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIJ2Ifu6SIM>

absurdas, por não compreenderem por que uma outra pessoa se sentiria na razão de assediar outra.

A maioria dos alunos cita como vantagem de ser homem não menstruar e não engravidar e aparece constantemente como desvantagem ter que realizar exame de próstata. Um dos alunos citou a questão do sentimento e disse achar uma desvantagem não poder chorar em filmes tristes (inclusive desenhou uma carinha triste). Alguns alunos citaram também a desvantagem de não conseguirem esconder quando ficam excitados

Assistido o vídeo *Como uma garota – Like a girl*<sup>36</sup> e discutido com as/os estudantes sobre os estereótipos de gênero e os comportamentos esperados socialmente. Um aluno disse que uma colega de sala corre como mostra o vídeo realmente, de maneira estereotipada e balançando as mãos, ela se defendeu dizendo que não era verdade.

Houve muito debate sobre a questão da força física masculina e a fragilidade feminina, e em vários momentos tanto alunas como alunos concordaram que a mulher é realmente mais frágil e mais fraca que o homem.

Assistido o vídeo *Mulheres cientistas*<sup>37</sup>, e os alunos se mostraram meio receosos quando o vídeo cita algumas mulheres cientistas, e um aluno chegou a dizer que as coisas que elas inventaram nem eram tão importantes.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

*O que é frígida?*

*Por que as mulheres têm que usar sutiã?*

*Por que os homens acham que uma mulher sem sutiã está se oferecendo?*

*Por que a mulher é julgada pela roupa que veste?*

*Perguntas realizadas pelos alunos*

*Como a mulher fica quando esta excitada?*

*O que muda no corpo?*

*O que é transgênero?*

*O que é travesti?*

*Drag queen gosta de homem ou mulher?*

Acreditamos que o fato do vídeo assistido *Questões de gênero na escola* ser a fala de uma *drag queen* é o que tenha gerado a curiosidade que levou as perguntas realizadas pelos alunos. E ficou perceptível que o interesse em entender o que era um *drag queen*, do que gostava (afetiva e sexualmente) foi muito mais dos alunos. As reações das alunas foram aumentando conforme a discussão foi continuando e mesmo após a oficina ter se encerrado elas permaneceram conversando na porta e colocando a indignação devido aos preconceitos

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aM-ZRggWTjw>

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aM-ZRggWTjw>

sofridos pelas mulheres e as cobranças que as mulheres passam no dia a dia, inclusive na roupa que usam.

Assistido os vídeos *A Juíza*<sup>38</sup> – Porta dos Fundos, *O discurso*<sup>39</sup> – Porta dos Fundos, e *Barreiras à ascensão profissional*<sup>40</sup>. As/os estudantes foram questionadas/os se as mulheres têm iguais condições e direitos que os homens. Antes de responderam debateram um pouco entre elas/es. O primeiro a se manifestar foi um aluno que afirmou que acredita que tem as mesmas condições, mas não as mesmas oportunidades. Um aluno discordou dizendo que acredita que tem as mesmas oportunidades também, pois ambos são livres para escolherem o que querem ser ou fazer, mas que todas as escolhas levam a alguma consequência. Mais dois alunos e uma aluna concordaram que as oportunidades não são iguais. Um aluno disse que não concorda, mas que infelizmente muitas mulheres ganham menos que os homens realizando a mesma função. Uma das alunas também se colocou com muita firmeza, dizendo que ainda existem muitas pessoas que acham que a mulher é mais fraca, que o homem é melhor e que as mulheres não merecem o mesmo salário que os homens. E disse ainda indignada que existem pessoas que acreditam que a mulher nem deveria estar no mercado de trabalho, mas em casa cuidando dos filhos e da casa.

Assistido o vídeo *Opção Sexual – Põe na Roda*<sup>41</sup> e o vídeo *É drag ou é trans?*<sup>42</sup>. Um aluno da turma já havia demonstrado interesse na temática e na explicação dos termos utilizados. Voltando a explicação que já havia sido realizada anteriormente foi colocado de forma mais detalhada aos estudantes a explicação dos termos identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual.

Orientação sexual está diretamente relacionado ao desejo sexual, que pode ser pelo sexo oposto, pelo mesmo sexo ou por nenhum dos dois (no caso dos assexuais). Orientação sexual, “é o termo usado para se referir à capacidade de cada pessoa de experimentar profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de sexo diferente, do mesmo sexo ou de mais de um sexo, assim como de ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (CARRARA, 2010, p. 43).

O conceito acima citado destaca a orientação sexual heterossexual (desejo pelo sexo oposto), homossexual (desejo pelo mesmo sexo), bissexual (desejo por ambos), mas deixou de citar o assexual (não tem desejo sexual). Segundo Carrara (2010, p. 54) é possível destacar

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHcQOY-Rews>

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tXeqYKdTjwU>

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/videos/>

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvwXq1cUHAM>

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-rjhiwffVwI>

três dimensões que vão compor a orientação sexual, que são “desejo, comportamento e identidade”, que podem não estar ligadas entre si.

Identidade de gênero é a maneira de se identificar como homem ou mulher, sem relação direta ao sexo biológico. Segundo Carrara (2010, p. 43):

Identidade de gênero refere-se à experiência individual de sentir-se homem ou mulher, independente do sexo biológico atribuído no nascimento. Isso inclui um sentido pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e gestualidade.

Quando o sexo biológico não corresponde a identidade de gênero, denominamos transgênero.

Após a explicação de identidade de gênero, expressão de gênero e sexo biológico voltamos a falar sobre orientação sexual e o que foi assistido no vídeo *Opção sexual*. As/os estudantes permaneceram em silêncio e apenas um colega se manifestou. Ele disse que acha que não se nasce homossexual, mas se torna, acredita que como cresceu com um casal hetero, pai e mãe, eles foram o seu exemplo, se seus pais fossem gays ele talvez também fosse. Então as/os demais estudantes foram questionadas/os se concordavam e todas/os permaneceram em silêncio, duas alunas sentadas mais à frente fizeram cara de espanto quando ele falava, e cara de que não estavam concordando, mas não quiseram se manifestar. E o restante das/os estudantes também não quiseram se manifestar, afirmando que não sabiam, então não podiam opinar.

Ficou claro como o simples fato de expor a sua opinião, de concordar ou ser contra causa constrangimento nas/os estudantes e até medo de que a sua opinião seja alvo de críticas ou piadas.

Depois de mais explanação sobre a temática um aluno se manifestou dizendo que ele achava que não era uma opção, mas também não concordava com o termo orientação. Afirmou que opção é uma escolha, e que orientação leva ao entendimento de que a pessoa foi levada a ter tal escolha, foi orientada. Ele achava que se devia então criar uma nova terminologia. Alguns colegas balançaram a cabeça concordando, mas não se manifestaram.

Passamos para o trabalho de alguns conceitos no que tange a preconceitos e discriminações<sup>43</sup>. Em um primeiro momento foram apresentados aos alunos os termos:

---

<sup>43</sup> Adaptada atividade sugerida no livro: FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Sexismo, Transfobia, Misoginia, Machismo, Racismo, Etnocentrismo, Homofobia, Lesbofobia e Xenofobia. A partir disso foi apresentado um conceito e as/os estudantes tinham que identificar a qual conceito se referia.

Primeiro conceito apresentado foi: “Teorias ou crenças que definem uma hierarquia entre raças e etnias. Preconceito externo e/ou atitude de hostilidade a indivíduos decorrente de sua raça”. (JIMENA, 2011, p. 153). As/ estudantes pediram para repetir a leitura do conceito e conversaram entre si com dúvidas. Quatro alunos e uma aluna disseram que era etnocentrismo, dois alunos e duas alunas disseram que era xenofobia e apenas um aluno disse que era racismo. Ficaram surpresos com a resposta certa e disseram que estavam com muita dúvida devido as palavras hierarquia e hostilidade.

“Desprezo e discriminação sofrida por travestis, transexuais e transgêneros que podem ser desde a ofensa verbal até a agressão física”. (JIMENA, 2011, p. 153). Segundo conceito apresentado também houve um pouco de dúvida e debate, duas alunas disseram que era sexismo e o restante das/os estudantes que se pronunciaram disseram que era transfobia.

“Aversão, ódio e horror em relação aos homossexuais. De um modo geral refere-se a todas as pessoas que assumem a identidade LGBTTTT”. (JIMENA, 2011, p. 153). Neste conceito as/os estudantes ficaram em dúvida pois dizia LGBTTTT, mas conversaram entre si e todos concordaram que era homofobia.

Lesbofobia foi a respostas de todas/os estudantes para o conceito: “Preconceito direcionado as mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres. Aversão a lésbicas (mulheres homossexuais)”. (JIMENA, 2011, p. 153)

“Visão de mundo que define certa nação, nacionalidade ou grupo étnico como central, como positivo”. (JIMENA, 2011, p. 153). A maioria das/os alunas/os responderam etnocentrismo, mas duas alunas responderam xenofobia.

Já o conceito de sexismo, todas/os estudantes acertaram. Tipo de preconceito que tem como base o sexo da pessoa”. (JIMENA, 2011, p. 153)

Ficou mais fácil acertar o conceito de xenofobia: “Preconceito baseado no medo ou repúdio persistente de pessoas estranhas ou estrangeiras, de diferentes nacionalidades, de classe social, pessoas de cor e de religiões diferentes”. (JIMENA, 2011, p. 153). Mesmo assim, dois alunos disseram que não podiam opinar, pois não sabiam.

Próximo conceito lido foi: “Ódio, aversão, horror, desprezo em relação ao que vem das mulheres e/ou do feminino”. (JIMENA, 2011, p. 153). Esse conceito gerou um pouco de debate e dúvida por parte das/os estudantes, alguns alunos falaram que era machismo com certeza, mas duas alunas ficaram com dúvida e responderam misoginia.

“Exagerado sentimento de orgulho masculino. Conjunto de atos que nega às mulheres os mesmos direitos concedidos aos homens. É uma expressão de sexismo”. (JIMENA, 2011, p. 153). O conceito de machismo foi acertado por todas/os estudantes.

Trabalhar esses conceitos tão ligados a preconceito e violência levou ao real entendimento da dificuldade que as/os estudantes têm de reconhecer as formas de preconceito e discriminação.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

O que é travesti, mesmo?

Como assim andrógeno?

Por que se usa “ismo” nesses termos?

*Perguntas realizadas pelos alunos*

O que é LGBTTTT?

O intersexo nasce com um pênis e uma vagina?

O intersexo vai ter seio quando crescer?

Qual a diferença entre transgênero, transexual e travesti?

Embora as/os estudantes tenham se mostrado mais distantes, ou com dificuldade de compreensão dos termos explicados, ainda assim se mostraram interessados em tudo que foi abordado e suas perguntas refletem na verdade, o desconhecimento que tem na temática, e o interesse em aprender.

Foi assistido o vídeo *O que as mulheres estão cansadas de ouvir na rua*<sup>44</sup> e um dos alunos se manifestou dizendo que as mulheres também ficam cantando os homens na rua. Foi questionando se elas fazem os mesmos tipos de cantadas, chamando de “gostoso”, etc. Ele ficou pensativo e respondeu que não, que realmente elas olham, mas não falam as coisas que os homens falam para as mulheres. Então ele argumentou que elas gostam de ser cantadas na rua, de passar em uma construção e ser “elogiada”, e todas as alunas presentes disseram que não é verdade, que elas não gostam e se sentem constrangidas.

Assistimos o vídeo *É sua culpa*<sup>45</sup> e debatemos sobre a violência sofrida pelas mulheres, pelas desculpas usadas para legitimar um estupro, como mulheres de roupas curtas, andando sozinhas a noite, etc. Todas/os concordaram que nada justifica um ato de violência contra outra pessoa.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Y6gtaYE8es>

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sv3-0xEPOCE>

É imensa a lista de problemas que as mulheres vítimas de violência estão suscetíveis, como depressão, doença mental, dores crônicas, gravidez indesejada, aborto, consumo de drogas, doença inflamatória pélvica, etc. (FURLANI, 2011, p. 26)

Conversado com as/os estudantes sobre a violência contra a mulher e uma breve contextualização da legislação que ampara a mulher nesses casos.

A Lei 11.3400/2006, Lei Maria da Penha, foi assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 22 de setembro. Ela recebe o nome da bioquímica Maria da Penha Maia Fernandes, que levou um tiro enquanto dormia de seu esposo (ficando paraplégica), além de outras formas de agressão e outra tentativa de assassinato. Foi uma luta de 19 anos até que se conseguisse algum avanço na legislação no que se refere a violência doméstica no Brasil, com a colaboração do CEJIL (Centro para a Justiça e o Direito Internacional) e Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Para a elaboração da Lei “a ideia principal foi caracterizar a violência doméstica e familiar como violação dos direitos humanos das mulheres e elaborar uma Lei que garantisse proteção e procedimentos policiais e judiciais humanizados para as vítimas”. (CFEMEA, 2007, p. 11). Com intuito muito mais educativo do que punitivo (embora também seja importante), visando quebrar paradigmas da subordinação feminina e da supremacia masculina, e desnaturalizando a violência.

Um dos avanços da Lei Maria da Penha é a criação de mecanismos para refrear e impedir essa forma de violência, que segundo a CFEMEA (2007) é a criação dos Juizados de Violência Familiar e Doméstica, possuindo jurisdição civil e criminal, assim como a implantação de medidas de assistência e proteção.

Outro avanço muito importante é reconhecer “pela primeira vez na legislação, o conceito moderno de família, sejam ou não aparentadas, vivam ou não sob o mesmo teto, hetero ou homossexuais”. (CFEMEA, 2007, p. 15). Grande parte da população não tem conhecimento se a Lei se aplica a agressão de um homem para uma mulher, ou também se aplica quando ocorre agressão de uma mulher para outra mulher. Outra dúvida recorrente é se a Lei se aplica para o homem que sofre violência doméstica. Ou seja, em vários casos é perceptível uma dúvida na legislação. E o que está previsto é que:

A Lei ampara apenas a mulher como vítima de violência doméstica e familiar. Como agente/agressor, podem ser enquadrados o marido, companheiro, namorado, ex-namorado, a mãe, a filha, a irmã, o patrão ou a patroa da empregada doméstica e a mulher lésbica que agride sua companheira. (CFEMEA, 2007, p. 15)



As medidas protetivas também podem ser consideradas um avanço da Lei Maria da Penha. “As medidas protetivas de urgência são ações necessárias contra as consequências da violência e para evitar prejuízos iminentes. Para tanto oferece condições à vítima de prosseguir com a demanda judicial, de permanecer em seu lar, de exercer o direito de ir e vir, de continuar trabalhando”. (CFEMEA, 2007, p. 30). A mulher agredida consegue se sentir mais tranquila em seguir a sua rotina. As medidas não são fixas e podem se adequar conforme as necessidades, podendo inclusive serem alteradas. E para garantir a medida protetiva, o juiz pode inclusive decretar a prisão preventiva do agressor.

Entre as medidas punitivas estão a prisão preventiva do agressor, que serve para legitimar as medidas protetivas. Faz parte das medidas punitivas também o agravamento da pena, aumento da pena e comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação. E entre as políticas públicas do meu município não encontrei nenhum atendimento/acompanhamento para o agressor, se tornando um grande ponto de conflito, pois sem acompanhamento esse agressor muitas vezes volta ao mesmo comportamento agressivo em outros relacionamentos.

Identificamos como uma das fragilidades da Lei a garantia de Políticas Públicas e o papel do Estado na prevenção, repressão e a promoção de mudanças no que refere a violência contra a mulher. Talvez por falta de recursos, por falta de capacitação dos funcionários, mas alguns serviços de auxílio as mulheres vítimas de violência ainda não atendem a vítima da melhor maneira possível. As mulheres infelizmente ainda passam por constrangimentos durante alguns atendimentos. E para sanar essas fragilidades é fundamental o fortalecimento das políticas públicas, e a cobrança delas por nós, cidadãos de direitos.

A ação política dos movimentos de mulheres e feministas nos últimos 30 anos foi decisiva para a implantação, no Brasil, de uma política pública de prevenção e combate à violência contra as mulheres. Teve, como ponto de partida, as denúncias sobre assassinatos de mulheres e impunidade dos agressores, na década de 70; continuou, na década seguinte, com a reivindicação pela abertura de delegacias especializadas de atendimento; e, nos anos 90, pela criação de casas-abrigo e uma legislação que reconhecesse essa forma brutal de violência como violação de direitos humanos. (CFEMEA, 2007, p. 41)

Embora ainda esteja cercada de fragilidades e desafios, a Lei Maria da Penha precisa ser valorizada por reconhecer a violência contra as mulheres como violação dos direitos humanos, e apresentar uma política nacional de enfrentamento a violência doméstica e familiar.

Dois alunos e uma aluna questionaram por que a Lei Maria da Penha não se aplica aos homens, não acham que é justo, por que muitas mulheres agredem os homens também e eles não tem uma legislação para protege-los.

Um aluno falou sobre o tratamento que os estupradores recebem na cadeia (estupro) e disse que acha justo, devido ao que eles cometeram; já outro aluno disse que acha que toda forma de violência é ruim, mas acha inaceitável violência sexual contra crianças, e todas/os estudantes concordaram.

*Perguntas realizadas pelas alunas*

*Perguntas realizadas pelos alunos*

Maria da Penha serve para homem que apanha de mulher?

Se eu bater em uma mulher em uma balada é Maria da Penha?

Por que não tem uma lei para proteger o homem que apanha?

Embora as alunas não tenham feito perguntas, participaram do debate e deram a opinião quando solicitado. Os alunos demonstraram interesse na legislação, principalmente no que estaria relacionado ao homem e nos seus direitos. Observo que as perguntas deles vão ao encontro de sua própria proteção e não das mulheres, o que denota desconhecimento com a questão da violência contra as mulheres, ou da cultura que estão inseridos que ainda traz resquícios de machismo arraigado.

Assistindo o vídeo *Empoderamento das mulheres*<sup>46</sup>, foi estabelecido diálogo sobre o empoderamento feminino, e qual conhecimento possuíam desse conceito.

Segundo Lisboa (2008, p. 2), “o empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição da mulher como submissa”. A autora segue afirmando que segundo algumas ONGs o empoderamento tem o intuito de mudanças nas relações de poder e que poder as vezes é enxergado como uma forma de opressão e autoritarismo. Já na perspectiva do feminismo é visto como uma maneira de resistência e emancipação, ou seja:

---

<sup>46</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6RSc\\_XYezig](https://www.youtube.com/watch?v=6RSc_XYezig)

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é condição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações. (LISBOA, 2008, p. 2)

Os estudos feministas, segundo Lisboa (2008) acreditam que o empoderamento é peça fundamental para a equidade de direitos, que precisa partir primeiramente dessa parcela oprimida da população que necessita estar atenta, distinguir discriminação de gênero, identificar desigualdades e batalhar por transformações. Todas/os estudantes demonstraram desconhecimento no termo empoderamento; as alunas demonstraram concordar com o termo empoderamento, mas não expressam nenhum comentário.

Foi realizado fechamento da temática, com uma breve recapitulação das temáticas que foram conversadas, deixando claro que em nenhum momento houve uma busca pela superioridade da mulher, mas sim pela equidade de gênero, e para que elas/eles pudessem compreender a importância que tanto os homens como mulheres têm na nossa sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o propósito inicial desta pesquisa foi alcançado, que era levar as temáticas de gênero e sexualidade ao espaço escolar, trabalhando com professoras, professores e estudantes do 1º ano do ensino médio. As oficinas ocorreram de maneira satisfatória, contando com a participação de todas/os envolvidas/os.

A participação das professoras e professores foi constante durante toda a oficina, tanto nas temáticas de gênero como nas de sexualidade. No entanto, a temática de gênero gerou mais discussões e divergências de ideias. Já entre as/os estudantes a participação se deu de maneira mais significativa durante as oficinas que abordaram sexualidade. Em alguns momentos as temáticas de gênero pareciam causar certa estranheza nas/os estudantes, advindas por certo do desconhecimento deste olhar sobre as relações de poder.

Após a realização da oficina com as professoras e professores foi enviado um questionário a cada participante com o intuito de saber qual o conhecimento e entendimento que elas/eles possuíam a respeito de gênero e sexualidade e o que mudou nas suas percepções após a realização da oficina. Da mesma maneira, foram realizados esses questionamentos aos estudantes. A análise dessas respostas é que irá fundamentar as conclusões desta pesquisa.

Na temática de sexualidade as professoras relataram ser um tema importante e difícil de ser abordado pela falta de informação, resistência dos pais e que a sexualidade de nossas/os alunas/os muitas vezes é omitida. Temática pouco trabalhada e muita vaga ainda na escola. Uma professora informou que sua postura era de responder as perguntas apenas quando surgissem. Consideram o tema pouco discutido, que as/os professoras/os estão despreparadas/os e que ainda há muito receio, bloqueio e medo de se falar. Outra professora relatou que trabalha há 12 anos com educação e nunca havia participado de uma palestra que abordasse a temática da sexualidade. Relataram possuir uma visão simplista ou apenas da reprodução.

Após a realização da oficina de sexualidade as professoras informaram que começaram a sentirem-se encorajadas a falar sobre o assunto, a percepção mudou ao ver a visão das/os outras/os professoras/es, sentem-se mais prontas para aprender e ampliar o conhecimento. Foi instigada a curiosidade sobre o tema, a importância de tratar a sexualidade de forma mais aprofundada, capaz de esclarecer algumas dúvidas. Uma das professoras informou que a temática precisa ser debatida mais vezes entre as/os professoras/os, pois ainda

se sente incapaz de trabalhar o tema, já que nunca havia tido contato com a temática antes da realização da oficina.

No que se refere a gênero as professoras informaram pouco conhecimento, ou que tem uma percepção simplista e superficial, sem noção da complexidade do tema. Surgiu interesse e curiosidade em aprender mais sobre o assunto. Uma professora relatou que foi importante para ampliar o conhecimento, desconstruir conceitos, desmistificação do diferente e inibiu comportamentos preconceituosos. Foi relatado também por uma professora que, a partir da participação na oficina, aprendeu a não fazer mais separações do que é de menina e do que é de menino (nos brinquedos, brincadeiras, etc); e outra professora informou ter realmente entendido que não há diferença para educar meninos e meninas.

Os professores informaram que tinham uma visão da sexualidade atrelada ao biológico, que não fazia parte dos assuntos pertinentes a ação pedagógica e que era um tema muito difícil de trabalhar na escola. Para eles, foi uma oportunidade de rever conceitos, de se criar análises conceituais novas, levou ao interesse de expandir a leitura da temática, a ver o tema com mais naturalidade, ajudou a desconstruir paradigmas e criar a oportunidade de debater com as/os estudantes já que a equipe docente já debateu o assunto em conjunto.

Três professores informaram ter um maior conhecimento sobre sexualidade, um deles informou ter uma visão progressista, mas nem sempre se sente à vontade de abordar o tema. Outro informou que considera a sexualidade indissociável da nossa existência e que atravessa toda a vida, com a oficina sua noção da importância dessa temática aumentou. O terceiro professor afirma que sua percepção de sexualidade foi sendo moldada ao longo dos anos na escola, na casa e na rua, acredita ser um tema muito em debate, mas pouco aprofundado e problematizado. Acredita que o tema deve ser debatido de forma livre e libertária, de forma antiautoritária e sem restrições de idade. Considera o maior desafio proporcionar um ambiente para o debate da temática em que as crianças se sintam à vontade.

Na fala dos professores com relação a gênero percebe-se que o tema aparece como algo mais do cotidiano do que sexualidade; no entanto, em outros momentos parece como que totalmente fora do contexto deles, já que eles não conseguiram informar qual o entendimento que tinham de gênero antes da oficina de forma clara. Um professor relatou que sua visão era apenas no fator biológico, referindo-se apenas a masculino e feminino. No entanto, informaram a importância da discussão da temática na escola. Informaram que é necessário incluir na visão biologistas uma visão mais humana que abra um leque de interpretações e que sejam desconstruídas ideias preconcebidas

Um dos professores destacou a “ideologia de gênero”, tema que ele tinha total desconhecimento, no entanto já havia escutado do padre da igreja que frequenta (como um mantra dogmático), foi a fundo na temática após a oficina e identificou mesmo como uma distorção vinda do meio religioso.

Foi identificado por um professor a equipe docente mais aberta para a discussão de gênero, enquanto outro professor acredita que existem claramente barreiras, certo desconforto em algumas falas e despreparo técnico. Já outro professor vem para concordar, afirmando que ouviu coisas problemáticas por parte das/os professoras/as, com concepções binárias, fechadas e imutáveis. E em sua opinião, a temática demanda um nível máximo de transigência, despir-se de opiniões totalitárias, repensar valores tradicionais e sugere que talvez o debate possa vir a ser mais construtivo em grupos de leitura e cineclubes.

Passando para a percepção das/os estudantes, com relação a temática da sexualidade dois alunos e duas alunas informaram que já possuíam algum conhecimento, já três alunos e três alunas informaram ter muito pouco conhecimento antes das oficinas, e uma das alunas disse que as informações que possuía eram apenas passadas pela televisão. Foi destacado por quatro alunos a importância de ter trabalhado doenças sexualmente transmissíveis, pois era a temática que menos conheciam. Uma das alunas citou como fundamental o real conhecimento do corpo da mulher.

Também foi citado por um aluno como acréscimo ao seu conhecimento entender que sexo não é apenas ter relação sexual, pois a sexualidade é muito mais complexa, assim como ter conhecimento e compreender temas importantes como abuso, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, violência, etc. Uma aluna destacou que antes das oficinas tinha apenas uma visão biológica e espírita (do centro espírita que frequenta) sobre sexualidade, de forma muito precária, agora com a realização das oficinas pode conhecer mais sobre si mesma, sobre as pessoas que a cercam e também sobre a sociedade em que vive.

Já o gênero, que causou um debate menor e mais escuta (embora tenha acontecido grandes debates) foi informado pouco conhecimento por três alunas e seis alunos, já duas alunas informaram já ter algum conhecimento. Um aluno informou que não tinha ideia do grande preconceito envolvido e percebeu como uma situação muito séria, que precisa ser debatida. Os alunos continuam relatando o que destacaram com as oficinas, como a importância de rever conceitos e as definições equivocadas, que agora se faziam perceptíveis.

Duas alunas citaram grandes avanços com a realização das oficinas, como as aulas as fizeram refletir sobre como somos diferentes e que todas as pessoas merecem ser respeitadas

independente do que elas são. Destacaram a mudança no pensando, principalmente no que tange ao seu papel como mulher e na luta por seus direitos.

As informações trazidas pelas professoras, professores (da educação infantil, ensino fundamental e médio) e estudantes do 1º ano do ensino médio nos trazem grande satisfação na maneira em que as temáticas foram percebidas e incorporadas, entendendo que se tratam de temas que nos cercam em nosso dia a dia, mas são versados de várias maneiras e podem levar a várias concepções. Fundamental é que gênero e sexualidade estejam no debate diário de cada sujeito social que está inserida/o na escola, na família e na sociedade como um todo, para que possamos cada vez mais nos tornamos emancipadas/os e empoderadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Carla Sofia Dias. **Metodologia para iniciação à prática da pesquisa e extensão II: caderno pedagógico**. Florianópolis: Diretoria de Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina, 2012.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Diário da União, 2013. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em 30 de junho de 2016.

CARRARA, Sérgio (et al). **Sexualidade e Orientação Sexual**. Vol 3. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as mulheres, 2010.

CFEMEA. Centro de Estudos Feministas e Assessoria. **Lei Maria da Penha: do papel para a vida**. Comentários à Lei 11.340/2006 e sua inclusão do ciclo orçamentário. Brasília, 2007.

FELIX, Isabel Aparecida. **Gênero, Diversidade Sexual e Religião**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**: Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FURLANI, Jimena. **“Ideologia de Gênero”?** Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/jimena.furlani?fref=ts>. Acesso em 31 de janeiro de 2016.

GROSSI, Miriam Pilar. **Identidade de gênero e sexualidade**. UFSC/Programa PGAS. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, 1998.



GROSSI, Miriam Pilar. **Masculinidades**: uma revisão teórica. UFSC/Programa PGAS. Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, 1995. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

LISBOA, Tereza Kleba. **O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. In: Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MEIRELLES, Giselle e HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, participação e democracia. Florianópolis, 2007.

MELO, Sonia Martins e POCOVI, Rose. **Caderno Pedagógico Educação e Sexualidade**. Florianópolis: CEAD/FAED/UDESC, 2001.

NUNES, César e SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

PEDRO, Joana Maria e SOIHET, Raquel. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.27, nº 54, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 12 de outubro de 2016.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Tradição. Florianópolis, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SOIHET, Raquel. **História, mulheres, gênero**: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.). Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo: FTD, 1990.

WAS. WORLD ASSOCIATION SEXOLOGY. **Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos**. Hong Kong: WAS, 1999.

**APÊNDICE A – Vantagens e desvantagens de ser mulher conforme as professoras**

	<b>Vantagens de ser Mulher</b>	<b>Desvantagens de ser Mulher</b>
<b>PROFESSORA 1</b>	<p>Gerar filho            Delicadeza            Usar acessórios            Se maquiar            Ir diversas vezes ao salão de beleza            Conseguir fazer várias coisas ao mesmo tempo</p>	<p>Menstruação</p>
<b>PROFESSORA 2</b>	<p>Ser mãe            Se sentir linda            Usar salto alto            Fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo            Ter paciência e calma</p>	<p>Menstruação            Tomar conta dos afazeres domésticos sozinha</p>
<b>PROFESSORA 3</b>	<p>Engravidar            Usar a feminilidade como uma arma            Aposentar antes            Poder usar a sensibilidade de forma natural</p>	<p>Mijar sentada            Machismo            Limitação física            Salário menor            Ser sempre limitada em todas as vontades naturais</p>
<b>PROFESSORA 4</b>	<p>Poder gerar uma criança            Diversidade de produtos            Sensibilidade            Seguro mais barato</p>	<p>TPM            Menstruação            Ser associada a serviços domésticos            Padrão de beleza e comportamento            Vulnerabilidade - “sexo frágil”            Menores salários</p>
<b>PROFESSORA 5</b>	<p>Sensibilidade            Multitarefa            Delicadeza            Facilidade de se expressar e de falar sentimentos</p>	<p>Repressão            Multitarefa            Falta de liberdade            Assédio            Preconceito            Censura de roupas, trejeitos            Perigo de estupro</p>

	Vantagens de ser Mulher	Desvantagens de ser Mulher
<b>PROFESSORA 6</b>	<p>Pêlos Gravidez Fazer várias atividades ao mesmo tempo</p>	<p>Menstruação Assédio</p>
<b>PROFESSORA 7</b>	<p>Possibilidade de sentir um ser se desenvolvendo dentro do seu corpo Conseguir fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo Liberdade de expressar sentimentos Opção de escolher a carreira profissional, independente se essa carreira seja de apenas ser mãe ou também ser mãe e profissional Capacidade de romper com a educação machista, quebrar paradigma = mulher que educa um ser masculino</p>	<p>Imposição de padrões (preconceito) em todos os sentidos, até valores de salários Assédio</p>
<b>PROFESSORA 8</b>	<p>Quantidade menor de pelos</p>	<p>Menstruação Ser tratada como sexo frágil Não fazer xixi em qualquer lugar</p>
<b>PROFESSORA 9</b>	<p><i>Não citou nenhuma vantagem</i></p>	<p>Ter muitas funções (casa, filhos, trabalho) e ser boa de cama Muitas responsabilidades Remuneração inferior TPM – onde homem não entende</p>

**APÊNDICE B – Vantagens e desvantagens de ser homem segundo os professores**

	<b>Vantagens de ser Homem</b>	<b>Desvantagens de ser Homem</b>
<b>PROFESSOR 1</b>	Não ter TPM e não menstruar A sociedade é mais complacente	<i>Não citou nenhuma desvantagem</i>
<b>PROFESSOR 2</b>	Não sofrer TPM Sofrer menos ao ter filhos	Ser julgado em situações de maior sensibilidade Não ter a mesma relação de proximidade com filhos, aquela relação própria da amamentação
<b>PROFESSOR 3</b>	Praticidade de se arrumar Não engravidar	Fazer a barba
<b>PROFESSOR 4</b>	Não menstruar Não ser julgado pela quantidade de parceiros Receber mais pelo trabalho	Ter a expectativa de ter que trabalhar mais e fornecer para a família
<b>PROFESSOR 5</b>	Não menstruar Vida sexual prolongada Culturalmente favorecido entre os dois sexos Mais força física Salário diferenciado e superior	Se aposentar com 30 anos de serviço (e a mulher com 25 anos) Licenças maiores para mulheres

	<b>Vantagens de ser Homem</b>	<b>Desvantagens de ser Homem</b>
<b>PROFESSOR 6</b>	<p>Maior resistência física            Não menstruar            Não somos frequentemente vítimas de violência</p>	<p>Não fingir o orgasmo            Se aposentar mais tarde            Licenças</p>
<b>PROFESSOR 7</b>	<p>Força física            Não ter ciclo menstrual            Visão da sociedade</p>	<p>Não esconder o orgasmo            Aposentadoria            Licenças            Atestado quando o filho está doente</p>
<b>PROFESSOR 8</b>	<p>Estar inserido, sempre já, numa sociedade machista a patriarcal</p>	<p>Estar inserido, sempre já, numa sociedade machista e patriarcal            Alistamento militar obrigatório</p>
<b>PROFESSOR 9</b>	<p>Com homem é raro ter assédio, mulheres parecem necessitar andar mais alerta, tenho essa impressão            Aspectos biológicos (não menstruamos, praticidade de urinar em pé)            Engravidar não é desvantagem e nem vantagem, mas por certo, deve ser uma experiência gratificante, e comento em separado para não ficar sub-entendido em aspectos biológicos            Ter barba de vem em quando</p>	<p>O trabalho de se barbear            No campo afetivo geralmente é o homem que corre atrás            Muitos homens sentem desconforto com situação que vá contra a imagem de macho (em que pareça gay, por exemplo), e trago essa desvantagem como parte de uma construção social            A situação anterior pode ser entendida como um preconceito construído, que pode alimentar outros (no caso do preconceito contra os gays, aqui citados)            Considero a obrigatoriedade em servir o exército uma desvantagem, ou o alistamento. Um dos melhores dias da minha vida foi quando fui dispensado. Há quem não quer</p>

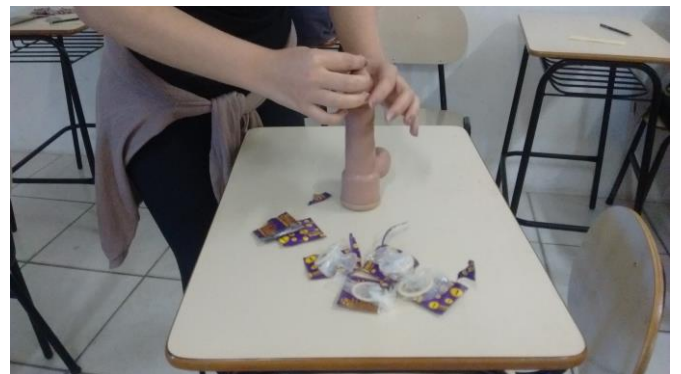
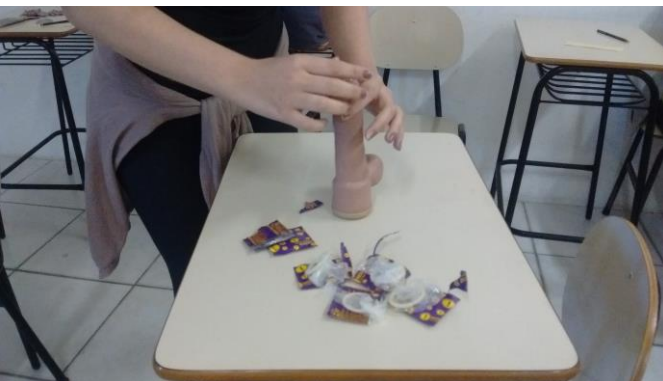
	<b>Vantagens de ser Homem</b>	<b>Desvantagens de ser Homem</b>
<b>PROFESSOR 10</b>	<p>Facilidades sociais  Ser levado a sério mais comumente  Não ser interrompido  Pressão menor para ser um “velho inteiro”  Poder envelhecer com mais tranquilidade</p>	<p>Criação com supressão da sensibilidade  Estímulo a violência e padrões de masculinidades irracionais</p>
<b>PROFESSOR 11</b>	<p>Prazer inigualável de coçar o saco  Não menstruar  Poder liberar gases e arrotar e tornar esse fato engraçado  Mijar em pé  Bêbado torna-se engraçado</p>	<p>Fazer a barba  No primeiro encontro pagar a conta do restaurante ou motel  Cheguei a conclusão que são poucas desvantagens em ser homem  Licença maternidade muito curta  Pensão alimentícia</p>
<b>PROFESSOR 12</b>	<p>Força física  Visão da sociedade em relação as atitudes</p>	<p>Não esconder orgasmo  Aposentar-se mais tarde  Licença quando tem filho</p>

**APÊNDICE C – Pesquisa sobre aborto com estudantes do 1º ano do Ensino Médio**

<b>Aluno 1</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>Não tenho certeza. Pois não tenho uma opinião formada</i>
<b>Aluno 2</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>Não tenho certeza. Sou a favor do aborto em determinados casos, como por exemplo caso de estupro ou quando a portadora tem risco de vida. Já se a pessoa engravidou por não ter responsabilidade, na minha opinião ela terá que arcar com as consequências. Em caso de acidente, acho que ela não deverá abortar.</i>
<b>Aluno 3</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>Contra. Porque é denominada uma pessoa, um ser humano quando o espermatozoide entra no óvulo, muita gente tem um pensamento que diz só ser considerada uma pessoa depois de 2 ou 3 semanas de vida, para mim o aborto nunca deveria ser legalizado.</i>
<b>Aluno 4</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>A favor. Depende do caso, quando a mulher é estuprada, quando ele não assumir que é seu filho ou se ela quiser fazer o aborto.</i>
<b>Aluno 5</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>A favor. Sou a favor pois se a mulher foi estuprada ou foi contra a vontade, é melhor que ter uma criança abandonada na rua.</i>
<b>Aluno 6</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>A favor. Porque a pessoa deve fazer o que quiser da sua vida.</i>
<b>Aluno 7</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>A favor. Pois a única pessoa que tem o direito de tirar a vida é quem botou ela no mundo.</i>
<b>Aluna 1</b>	Qual sua opinião sobre a interrupção voluntária da gravidez? <i>A favor. Porque a escolha deve ser da mulher.</i>



**APÊNDICE D – Oficina prática – Aprendendo a colocar preservativo masculino**



**APÊNDICE E – Vantagens e desvantagens de ser mulher conforme as alunas**

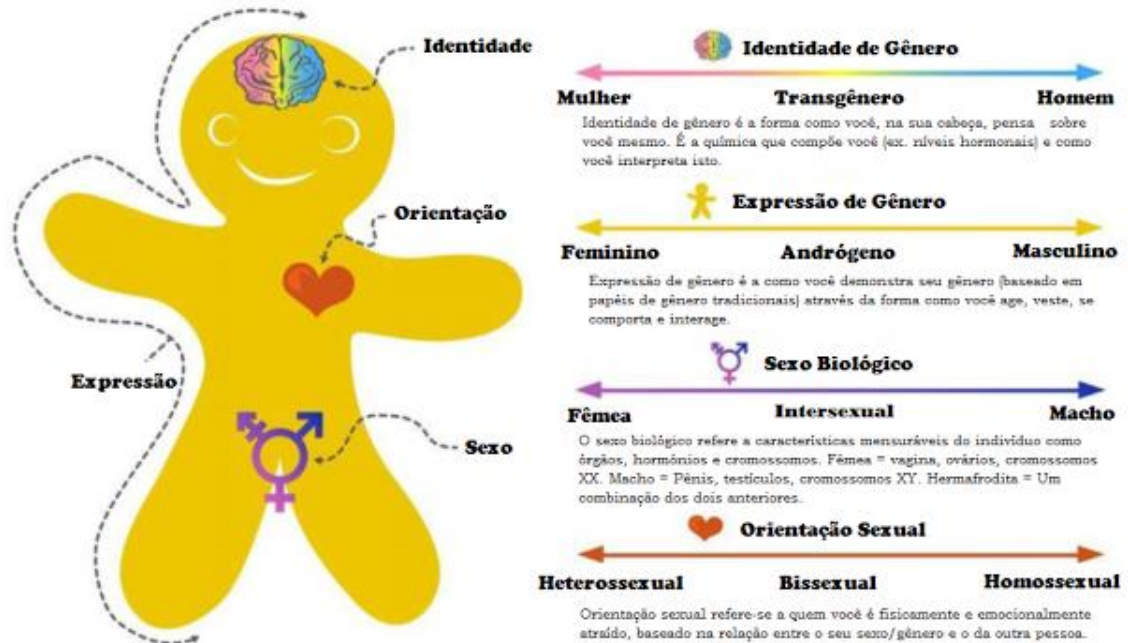
<b>Vantagens de ser Mulher</b>		<b>Desvantagens de ser Mulher</b>
<b>ALUNA 1</b>		Menstruar Assédio Ser oprimida Desigualdade social
<b>ALUNA 2</b>	Engravidar	Menstruar – cólica Ser oprimida por ser mulher Engravidar Assédio Desigualdade social
<b>ALUNA 3</b>		Cólica
<b>ALUNA 4</b>	Gerar um filho Gozar	Menstruar Cólica Tabus
<b>ALUNA 5</b>	Fazer xixi sem sujar o vaso Gozar	Tabus Menstruar - cólica

**APÊNDICE F – Vantagens e desvantagens de ser homem conforme os alunos**

<b>Vantagens de ser Homem</b>		<b>Desvantagens de ser Homem</b>
<b>ALUNO 1</b>	Não engravidar Mijar em pé Roer as unhas	Ter que servir o exército obrigatoriamente aos 18 anos
<b>ALUNO 2</b>	Mijar em pé Não ter cólicas Não menstruar Não engravidar	Exame próstata Ficar de pau duro em locais públicos Acordar com o pau duro Mijar de pau duro
<b>ALUNO 3</b>	Não ter cólicas Não menstruar Não engravidar Não sentir dor na primeira relação	Ter que tomar a iniciativa Urinar de pênis ereto Exame de próstata Ficar com pênis ereto em locais públicos Ficar com o pênis ereto quando beija a mulher
<b>ALUNO 4</b>	Não ter cólicas Não menstruar Não engravidar Não sentir dor na primeira penetração	Ter que tomar a iniciativa Urinar de pênis ereto Exame de próstata Ereção em lugares públicos
<b>ALUNO 5</b>	Não ter que carregar um ser dentro de si por 9 meses	Fazer xixi com o pênis ereto Exame de próstata
<b>ALUNO 6</b>	Ser mais forte Não ter cólica Ter voz grossa Poder se alistar na aeronáutica	Ter muita barba Carregar as doenças sexualmente transmissíveis Somos menos no mundo que as mulheres Ter que se alistar para o exército
<b>ALUNO 7</b>	Não engravidar Ter barba ou bigode Menor chance de ser agredido tanto fisicamente quanto verbalmente	Exame de próstata Ser muito idiota Ser mais ignorante que a mulher
<b>ALUNO 8</b>	Não ter cólicas Não engravidar Ter barba ou bigode Não ter peitos caídos ao envelhecer	Ter cabelos curtos Eu só posso jogar futebol Transmitir AIDS e outras doenças passadas pelo sexo
<b>ALUNO 9</b>	Não ser uma mulher Eu posso ter uma barba maneira Eu posso ir no banheiro masculino Eu não menstruo	Eu não posso chorar em um filme triste Exame de próstata

## ANEXO A – Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade

### Os termos que expressam nossa sexualidade/afetividade:



**ANEXO B – Música *Nóis só joga sem chuteira***

Tu já viu come bala com plástico  
 Usa roupa com preço e etiqueta  
 Pode vim que é sem cutcharra  
 Pode vim que é sem bobeira

Se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga joga joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga joga joga  
 Joga joga sem chuteira  
 Joga joga sem chuteira

Bagulho bom um pele a pele a noite inteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira

Nóis dois doidão  
 Um pele a pele a noite inteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve se envolve sabendo  
 Nóis só joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga joga joga sem chuteira  
 Se envolve sabendo  
 Nóis só joga joga joga  
 Joga joga sem chuteira  
 Joga joga sem chuteira